

PALOMA DÍAZ-MAS

O que aprendemos com os gatos

"Uma leitura
comovente."
Ferreira Gullar



 Planeta



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**O que
aprendemos
com
os gatos**

PALOMA DÍAZ-MAS

**O que
aprendemos
com
os gatos**

TRADUÇÃO
Luís Carlos Cabral

 Planeta

Copy right © Paloma Díaz-Mas, 2014

Originalmente publicado em espanhol por Editorial Anagrama S.A.

Copy right © Editora Planeta do Brasil, 2015

Todos os direitos reservados.

Título original: *Lo que aprendemos de los gatos*

Preparação: Paula Jacobini *Revisão:* Pamela Oliveira e Paula Nogueira

Capa e projeto gráfico: Departamento de Criação Editora Planeta do Brasil

Imagem de capa: © Eric Isselee / Shutterstock *Imagens de miolo:* © Eric Isselee /

Shutterstock e © Viorel Sima / Shutterstock *Adaptação para eBook:* [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D534q

Días-Mas, Paloma O que aprendemos com os gatos / Paloma Días-Mas;
tradução Luis Carlos Cabral. - 1. ed. -- São Paulo: Planeta., 2015.

Tradução de: Lo que aprendemos de los gatos ISBN 978-85-422-0601-2

1. Gato. 2. Gatos - História. 3. Animais - Tratamento. I. Título.

CDD: 636

15-

CDU:

25748

619:636

2015

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manoel, 100 — 21^o andar Ed. Horsa II — Cerqueira César
01411-000 — São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Lições do gato

FERREIRA GULLAR

Gosto de gatos, muito embora não esteja habituado a ler livros sobre eles. Não obstante, a leitura deste livro de Paloma Díaz-Mas foi muito prazerosa, não apenas porque ensina as pessoas a aprender com os gatos, como as deixa fascinadas por esses pequenos e afetuosos felinos. É verdade que às vezes eles nos perturbam com insistentes miados, mas, na maioria dos casos, miam para chamar nossa atenção e pedir carinho.

O livro de Paloma Díaz-Mas é assim revelador desse bichinho especial que é o gato, mas também revelador da personalidade da autora, capaz de se identificar tão intimamente com ele. E mais: é também revelador de uma escritora particularmente lúcida e sensível.

Outra característica deste livro especial é o senso de humor, quando, por exemplo, Paloma atribui ao gato considerações sobre uma enfermidade que ataca o ser humano e que se chama Razão. Uma das consequências dessa enfermidade é ter ele preferido andar sobre os dois pés traseiros, sujeitando-se a frequentes quedas e dores na coluna vertebral.

O que aprendemos com os gatos é, por isso mesmo, leitura comovente, tal é a afeição da autora pelos bichanos e tal é sua capacidade de nos comunicar essa afeição, sem derramamentos sentimentais e, sim, com seu modo próprio e sua capacidade de captar os sentimentos deles.

Neste particular, minha opinião é suspeita, dada a identificação com o que ela, em seu livro, nos conta e nos revela. A morte de sua gatinha Tris-Trás me tocou particularmente, porque também perdi um gato de estimação, que viveu todos os dezesseis anos ao meu lado. Essa perda me magoou de tal modo, que decidi nunca mais ter um gato em minha casa. “É que um amigo querido não se substitui” — dizia a mim mesmo —, mas, de fato, o que eu temia era ter de experimentar outra perda dolorosa como aquela. Alguns anos depois, quando a dor já havia aliviado, ganhei de presente uma gatinha, siamesa como o Gatinho, que logo se afeioou a mim — e eu a ela —, e nos tornamos companheiros íntimos de todas as horas.

Sucede que, como as pessoas, nenhum gato é igual a outro. A gatinha, que se tornou minha companheira, ao contrário do Gatinho que se dava com todo mundo, não aparece para ninguém que chegue a minha casa. Basta soar a campainha da porta para ela fugir da sala e ir esconder-se na estante de livros do meu escritório. E lá fica até que o intruso se retire, quando, então, ela reaparece, desconfiada, farejando o ambiente para assegurar-se de que estamos de novo só nós dois no apartamento.

Gatinho ainda estava vivo quando comecei a escrever poemas contando suas gracinhas. Até então, não havia escrito livros para crianças, e, mesmo quando fiz esses poemas, minha intenção era muito mais divertir meus netos do que fazer um livro. Tanto era assim, que convidei meu neto Estêvão — que gostava de desenhar bichos — para ilustrar os poemas sobre o Gatinho. Ele, no entanto, se negou a fazê-lo, alegando que só desenhava bichos em extinção, e gatos não cabiam nessa classificação. De fato, só então me dei conta de que, quando vinha a minha casa e pedia papel e lápis para desenhar, só desenhava rinoceronte, hipopótamo, elefante e outros animais ameaçados de serem extintos. Por isso, quando enfim decidi publicar o livro — que recebeu o nome de *Um gato*

chamado Gatinho —, pedi a Ângela Lago que o ilustrasse, o que ela fez magnificamente.

Gatinho foi comprado por mim para meus filhos, que o adoraram. O problema foi escolher um nome para ele. Depois de numerosas sugestões de cada um, decidimos chamá-lo simplesmente de Gatinho. Pois bem, quando ganhei de presente a nova gata, como já não havia ninguém na casa para opinar acerca de que nome pôr nela, optei simplesmente por chamá-la de Gatinha.

Até hoje, não escrevi nenhum poema sobre ela. Mas isso não importa, uma vez que, pelo contrário, é a presença dela que enche minha vida de poesia.

Sumário

UM GATO
DOIS GATOS

*Aum cavalheiro que chorou
com sua esposa uma pequena perda*

Passaram por nossas vidas cautelosos, como quem pisa em almofadas de algodão;

*eram capazes de andar no vidro sem quebrá-lo
de roçar uma taça sem derramar uma gota sequer.*

Eram sábios: no verão, escolhiam a sombra mais fresca, no inverno, o calor de nossos corpos adormecidos.

*Andavam pela casa deixando uma esteira
de inapreensíveis fibras de ouro ou nácar.*

Muitas vezes nos afastaram do nosso lugar, que também era seu lugar favorito, e nós, reis destronados e imensos, fomos nos acomodar — é um modo de dizer — no mais incômodo assento da casa.

*Quantas vezes acalmaram nossa angústia
com o rumor que vibra em sua garganta.*

*Demos a eles tudo que pediram;
e eles aceitaram*

com a majestade de quem nada pediu.

*E às vezes éramos dominados pela perplexidade
de ter enfiado em casa uma fera terrível, uma fera armada de garras e dentes*

que, com língua de lixa, penteia sua seda ao sol.

No fim morreram:

apenas um suspiro

*e restou um farrapo de pele suave, quase nada, discretos e dignos
na morte como na vida.*

Assim foram nossos gatos

*e mesmo agora, muitos meses depois, de vez em quando
encontramos*

um pelinho de seda em nossas roupas.

ESTEBAN VILLEGAS, *Vida cotidiana*, 1995.





Um gato

Encontrei um, dois fiozinhos dourados no suéter preto que acabei de vestir. Pego um com os dedos — não é fácil, porque, apesar de delicada, a fibra adere com força à lã do suéter, como se estivesse entrelaçada com ela — e o observo. Se minha vista fosse melhor ou dispusesse de uma lupa, sei o que veria com toda nitidez: a fibra não é de uma única cor, mas tem três tons, um louro dourado escuro, um branco e, entre um e outro, uma suave cor creme tão delicada que é difícil distingui-la. São as listras de Tris-Trás, que morreu há quatro meses. Sua pelugem de gato europeu dourado parecia feita de pelos de várias cores, mas, na realidade, cada um de seus pelinhos repetia em miniatura o desenho da pele do gato inteiro.

A todo momento ainda encontramos seus vestígios pela casa: um pelo grudado em nossa roupa ou que encontramos em uma almofada da poltrona; o rasgo que ela fez com as unhas na melhor colcha da nossa cama, a qual ela alisava como se a estivesse ordenhando, antes de dar três voltas sobre si mesma e se acomodar no lugar mais confortável; a aparente sujeira da parte baixa da mesa é a marca da gordura de sua pelagem. De repente, lembramos dela esfregando o focinho, o pescoço e o lombo na perna do móvel, marcando o território que ela considerava seu, um território no qual vivíamos de maneira precária, como hóspedes bem-vindos ou, dizendo melhor, bem tolerados.

A primeira vez que isso aconteceu foi em uma viagem transoceânica. Cheguei ao hotel à tarde, aproximadamente na mesma hora em que havia saído do aeroporto de origem (o avião lutara infrutiferamente com o fuso horário, e ainda estávamos no mesmo ponto de partida de um dia longuíssimo), e, ao abrir a mala, a primeira coisa que vi foi uma fibra dourada incrustada no meio da lapela do paletó que eu pretendia usar na reunião de trabalho mais formal da minha estadia. Achei engraçado que Tris-Trás, que ficara em casa, tivesse me acompanhado ao outro lado do Atlântico, representada por aquela fibra que parecia de seda. Peguei o pequeno filamento e o deposei com cuidado em uma prega das grossas cortinas de cretone que fechavam a janela: queria deixar a recordação de um animal que não esteve e nunca estaria ali, uma presença virtual. Talvez ainda continue no mesmo lugar.

Ao longo dos anos, temos semeado o mundo com pequenos rastros de Tris-Trás, que, sem sentir, carregamos e vamos deixando em aviões, trens e ônibus, em nosso carro, nas ruas, em lojas, em poltronas de cinema e em sofás das casas dos nossos amigos; dali, um exército de desconhecidos transporta-os, sem perceber, para bem longe, a lugares onde nunca estivemos; algumas fibras douradas chegaram ao mar, outras se perderam nas trilhas dos bosques em que passeamos. As fibras sedosas — cada uma das quais tem três cores sutis, como pintadas de propósito — foram espalhadas por vários lugares do mundo globalizado. É o que resta de Tris-Trás, agora que não está mais aqui. Ela partiu e deixou o mundo coberto de pelos.

Continuamos repetindo, sem querer, velhos gestos, agora desnecessários: deixamos todas as portas um pouco entreabertas para que Tris-Trás possa circular livremente pela casa, pois os gatos não suportam ver-se trancados em um aposento. Temos o cuidado de fechar bem as janelas, para que ela não volte a se precipitar do segundo andar, como já aconteceu uma vez. Nossos corações

ficam apertados quando pensamos que agora podemos deixar as janelas abertas de par em par; essa nossa liberdade recém-adquirida nos dá uma sensação de vazio e deixa um sabor triste em nossas bocas. Na hora habitual, pensamos: “temos de lhe dar comida e água limpa”, e então percebemos que não há a quem dar de comer nem de beber. E, às vezes, quando passamos diante da porta de um aposento qualquer, damos uma olhada para verificar onde está o gato, que não está mais.

Ela morreu com a dignidade com a qual os animais sabem morrer. Delicada, teve o cuidado de morrer quando todos estávamos em casa: não em um dos muitos dias do cotidiano nos quais cada um ia para seu trabalho e Tris-Trás ficava sozinha, desfrutando das múltiplas almofadas, poltronas e tapetes à sua disposição; teria sido doloroso voltar do trabalho e encontrá-la doente, agonizando ou talvez morta. Mas não: morreu na manhã de um sábado, dando-nos tempo para nos despedir e vê-la partir.

Na noite anterior, estivera como sempre. Brincou conosco (era uma gata velha, mas ainda capaz de brincar; perseguiu fiozinhos pelo tapete ou desfiava com vigor as tapeçarias, afiando as unhas em qualquer poltrona), comeu e bebeu como em um dia qualquer e aconchegou-se em nossos colos quando descansávamos sentados no sofá. Achamos estranho que, quando nos levantamos e subimos as persianas, ela não saiu para saudar o sol com miados entusiasmados, como de costume. Tivemos de procurá-la, e a encontramos escondida embaixo da mesa, com os olhos fechados e uma debilidade mortal; havia feito suas necessidades no tapete, apesar de sempre ter sido cuidadosa.

Quando a tiramos dali, as patas mal a sustentavam, mas foi procurar, quase se arrastando, outro lugar recôndito. Mau sinal: os animais se escondem para morrer, como se soubessem que se morre sozinho e que, nesse momento, o melhor é evitar qualquer companhia.

Nós a pegamos no colo para enfiá-la em uma caixa de transporte, e ela quase não pesava: seu corpinho peludo tinha a consistência de um desses horríveis objetos de pele que, no passado, as senhoras colocavam em volta do pescoço: um bicho morto e curtido — um vison^[1], uma marta ou uma raposa — com olhos de vidro, que, incompreensivelmente, era usado como enfeite.

Permitiu, passivamente, que a enfiássemos na caixa de transporte, sem resistir, como fizera em outras ocasiões, e aninhou-se no fundo, como se quisesse se esconder. Durante a espera no consultório do veterinário, pareceu despertar um pouco: virou-se e nos olhou, com uma estranha serenidade, através das grades; chegou a miar com energia — a energia habitual: um miado autoritário e exigente —, pedindo que a tirássemos dali. Um cachorro com a pata engessada se aproximou para farejá-la, mas foi logo afastado por sua dona. Esperávamos com o coração encolhido e não sabíamos o que temer mais: se que aquele fosse o dia de sua morte ou, então, o começo de um calvário de tratamentos, operações e terapias, para ela acabar morrendo alguns dias, algumas semanas, alguns meses depois. Os animais velhos não têm muitas chances de sobreviver.

O veterinário só teve tempo de examiná-la superficialmente e aventurar um diagnóstico: percebia-se um tumor no ventre, sob a camada da pele ainda

espessa e sedosa, apesar da idade. Quando estávamos esperando pelos exames a que ela seria submetida, começaram as convulsões. Não havia nada a fazer. O papel que assinamos no meio de lágrimas dizia: “Autorização de eutanásia compassiva”.

Pudemos optar entre ir embora e deixá-la nas mãos piedosas do veterinário ou ficar até o final. Escolhemos ficar, não sei ainda se para lhe oferecer uma impossível companhia no momento da morte ou se para não ficarmos sem saber como havia sido seu último instante e o que haviam feito com ela.

Foi tudo fácil: um caninho na veia para injetar primeiro um sedativo (estava tão fraca, tão incapaz de se sustentar, que escorregava na superfície polida de aço inoxidável da mesa de operações e a patinha da veia ficou em uma posição inverossímil, como a de um bichinho de pelúcia desconjurado), um ligeiro vômito que expeliu a comida que havíamos lhe dado na noite anterior — sem saber que era a última vez que comia —, uma injeção e nada mais. Nem sequer um suspiro, um estertor ou um movimento; só um fio dourado de urina, que brotou suavemente e se estendeu pela cama. O veterinário, profissional, auscultou o corpo pequeno, que havia ficado na mesa de operações escarrapachado de bruços, em uma posição parecida com a que adotava para se refrescar no verão quando fazia muito calor. “Não ouço mais o coração”, disse. Nós a acariciamos e a olhamos pela última vez: parecia um trapinho molhado, mas seus olhos abertos tinham a mesma expressão e a mesma cor de âmbar de sempre, não turvada pela morte.

Chorosos, foi impossível não pensar que também gostaríamos de morrer assim um dia, tão facilmente.

Ao voltar para casa, tivemos de recolher, lavar e empacotar as coisas dela para levá-las ao sóto. A tarefa foi adquirindo um sentido ritual, de rito de passagem, como se a água límpida da torneira, à medida que corria, tivesse o poder purificador de ir afastando nossa dor.

Começamos a encontrar, em todos os cantos da casa, coisas que eram dela; não havíamos percebido que tivesse tantas. Sempre achamos que os animais não possuem nada, que tudo o que têm é nosso, mas compreendemos que é ao contrário: muitas das coisas que acreditamos serem nossas, na verdade, são deles, pois são eles que as usam, a partir do momento em que para nós perdem qualquer utilidade.

Os historiadores usam os testamentos e inventários de bens *post mortem* preservados nos arquivos notariais para estudar como era a vida cotidiana na Idade Média ou nos séculos XVI e XVII. Quando, em um inventário dos bens de um artesão ou de um comerciante, lemos, entre outras coisas, “uma camisa de linho puída” (quer dizer, usada), “uma vasilha de barro rachada”, “um retalho de cobertor de lã” ou “uma chave grande de ferro” — pequenos objetos velhos, gastos ou aparentemente inservíveis — somos transportados a uma sociedade na qual as coisas não eram usadas e jogadas fora — mesmo as pessoas que viviam com certo conforto aproveitavam até as roupas e os pertences que estavam caindo aos pedaços —: um tempo em que se guardavam, e até eram herdados, objetos que nós consideraríamos inúteis.

O inventário dos bens de Tris-Trás informa, indiretamente, sobre a vida

cotidiana e os usos e costumes de um gato de uma família de classe média da Europa ocidental do começo do século XIX. Ele relaciona os seguintes utensílios:

- Uma caixa com areia, adequada às necessidades fisiológicas de um gato.
 - Uma pá de plástico para retirar dejetos da areia.
 - Meio pacote de areia para gatos.
 - Um pacote, recém-aberto, de ração para gatos.
 - Um tubo de *malt past* para gatos, a fim de evitar a formação de bolas de pelo em seu estômago.
- Uma caixa de transporte de tamanho médio (que ela odiava porque só servia para duas coisas terríveis: ir ao veterinário ou viajar de carro; nessa caixa também fez sua última viagem).
 - Uma tigela amarela de plástico, com dezoito anos de idade.
 - Uma caneca de cerâmica azul (ela era muito elegante e não gostava de beber água em recipientes de plástico).
 - Um comedouro e um bebedouro, adequados para dosar a ração e a água (também não lhe agradavam, e, quando os abastecíamos, ela resmungava e dava voltas em torno deles, pois sabia o que significavam: que nos ausentariamos por alguns dias e ela ficaria sozinha em casa).
- Uma cestinha tecida com palha de milho, artesanal, quase intacta (nunca conseguimos fazer com que ela dormisse nela).
 - Um cachecol de lã estampado com desenhos elegantes, mas fora de moda, que colocávamos na mesinha da sala, perto do aquecedor, para que ela fizesse a sesta em cima dele.
 - Outro cachecol de lã de *mohair*, estragado por uma lavagem inadequada, que colocávamos no sofá para que ela fizesse a sesta em cima dele.
- Uma almofada com capa de algodão, com aplicação retangular de seda bordada, comprada em um bazar chinês por dois euros, que colocávamos em uma poltrona para que ela fizesse a sesta em cima dela.
- Uma manta de viagem de tecido sintético, entremesclada de pelos de gatos de várias mudas — não conseguimos eliminá-los nem passando o aspirador nem lavando-a várias vezes —, que dobrávamos e colocávamos em qualquer lugar, para que ela fizesse a sesta em cima dela.
- Uma coleira de veludo, enfeitada com pedrinhas brilhantes de *strass*, que ela só usou duas vezes (e em ambas conseguiu tirá-la em menos de trinta segundos).
 - Um chocalho não usado.
 - Uma bola de pingue-pongue.
 - Uma bola pequena, de listras coloridas, de material sintético.
 - A miniatura de uma bola de futebol, imitando couro, rosa.
 - Um novelo de linha amarela perolada.
 - Uma bola feita de papel de alumínio procedente de embalagens de alimentos.
- Um carretel de linha sem linha, amarrado com um elástico (servia para brincar).
- Um rato de pano com chocalho, esburacado em vários lugares.

- Uma escova que servia, ao mesmo tempo, para acariciar e tirar os pelos.

- Um pente tipo lâmina de tosar, útil para a muda de pelo no verão.

Outros bens não foram inventariados, pois foram doados em vida. Alguns exemplos: • Um refúgio de tecido acolchoado, em forma de iglu, no qual ela não suportava ficar (era muito quente e em poucos dias foi doado a outro gato).

- Uma cadeira de escritório com assento de tapeçaria destroçada pela afiação das unhas, que foi doada ao sistema de reciclagem de lixo da cidade.

- Um prisma forrado com corda de esparto, especialmente projetado para a afiação de unhas, completamente intacto. Foi doado a outro gato que também o deixou completamente intacto.

- Seis ou sete revestimentos de poltrona, que eram doados a uma ONG que recolhe roupas e trapos velhos à medida que iam sendo transformados em farrapo pela intensa afiação das unhas.

Se um historiador do futuro examinasse esse inventário, chegaria à conclusão de que se tratava de um gato rico, que possuía muitas coisas, tanto bens de primeira necessidade como superfluos; suficientemente abastado para fazer doações a seus semelhantes (o iglu, o prisma forrado de corda de esparto) e a obras beneficentes (a ONG que recebeu nada menos que seis ou sete revestimentos de poltrona, uma quantidade considerável para a época), e para se dar ao luxo de possuir, por mera ostentação, alguns objetos que nunca usava (o cesto de palha, a coleira de veludo, o chocalho), à semelhança dos nobres do Antigo Regime.

Sentimos sua falta mais pela manhã, quando acordamos e levantamos as persianas para que entre a luz do dia. Agora, fazemos isso em um silêncio repulsivo. Só ouvimos nossos próprios passos, o som da persiana subindo, algum ruído que provém do andar de cima ou do de baixo (os vizinhos também se levantam e caminham em suas casas, repetindo a rotina doméstica de toda manhã) e, sobretudo, o bulício dos pássaros que piam nos galhos das árvores do jardim comunitário.

Antes, quando Tris-Trás ainda estava viva, o gesto mecânico de correr as cortinas e subir as persianas era acompanhado por um autêntico ritual de boas-vindas ao novo dia, à luz do sol que começava a despontar. Ouvia-se o leve som de uma suave aterrissagem de patas no chão (plof!). Uma corridinha, mistura do toque viscoso das almofadas digitais (as almofadinhas das patas) e o repicar de unhas sobre o parquet, começava em algum lugar — no sofá, em uma das cadeiras cujo assento ficava embaixo da mesa da sala de jantar formando uma agradável caverna, na almofada da cama do quarto de hóspedes — e se apressava em direção à sala ainda escura. A corrida era acompanhada de gritos de saudação, não exatamente de miados, mas de sons quase articulados em um volume que parecia impossível que pudesse sair de um corpo tão pequeno: ah, ah, aaaah, aaaaah (sua peculiar saudação ao sol: o novo dia havia chegado. *Surya namaskar*^[2]).

Levantadas as persianas, a luz nascente era saudada com outros gritos

entusiasmados que acabavam, indefectivelmente, em uma eufórica afiação de unhas na poltrona da sala. A pequena harpista peluda rasgava a tapeçaria — já desfiada de jornadas anteriores — com uma dedicação que denunciava sua imensa alegria de estar viva e estrear uma nova manhã. Depois, sem interromper a emissão de alaridos, deitava-se de lado no tapete e exigia, também com gritos entusiasmados, que acariciássemos o bosquezinho de pelos de sua barriga. Então, enquanto, submissos, passávamos a mão no ventre peludo, dizendo palavras de boas-vindas, ela aproveitava para se esticar, ainda deitada, exibindo os músculos, perfeitamente definidos, sob a pele espessa. Às vezes, sua alegria era tanta, que acabava nos dando uma mordidinha carinhosa que nos fazia ver estrelas. As marcas agudas de seus caninos afiados permaneciam por vários dias em nossa pele, levando-nos a compreender que tínhamos em casa uma fera que só não atacava quando não queria.

Estava em nossas mãos, portanto, a competência de fazer brotar o sol e iluminar o dia. Nos fins de semana, quando acordávamos um pouco mais tarde, Tris-Trás reivindicava da sala, com gritos imperiosos de aborrecimento, seu direito de estrear o dia na hora habitual: sem dúvida, a luz estava ali e nós a mantínhamos oculta; ainda não havíamos feito o sol surgir porque não queríamos, não porque o sol não estivesse disponível. Prova disso era que a luz já penetrava pelas frestas das persianas. E, sobretudo, o bulício dos passarinhos nas azinheiras do jardim deixava às claras que o dia já começara há algum tempo, e nós, detentores do poder de iluminar a vida, continuávamos dormindo. Sonolentos, ouvíamos da nossa cama a ladainha impotente do animalzinho que exigia que o dia amanhecesse como sempre, na hora de sempre, como se possuísse um relógio interior — as maníacas rotinas dos gatos. Depois, quando finalmente levantávamos, a encontrávamos um pouco aborrecida, como se dissesse: “Por que demoraram tanto para fazer amanhecer?”.

E agora que amanhecemos só para nós, sentimos falta daquelas exigências cheias de vitalidade de um ser que adorava a luz e queria, em todas as horas, ver passarinhos.

Costumava dedicar manhãs inteiras a ver passarinhos, em especial nos dias claros da primavera e do outono. Ver passarinhos era um direito felino que ela não parava de reivindicar. Se a Declaração Universal dos Direitos do Homem tivesse sido redigida por gatos, provavelmente a atividade de ver passarinhos constasse dela como um direito inalienável, tão inalienável como a vida ou a liberdade. À falta de coisa melhor, sem dúvida, ver passarinhos estaria em um lugar destacado da Declaração dos Direitos dos Gatos, um documento legal muito mais modesto, mas não menos exigente.

Observava durante horas o voo dos pardaís, que, desinibidos e provocadores, chegavam a pousar no mesmo parapeito da janela em que Tris-Trás estava apostada, pronta para caçar — pena que houvesse um vidro entre a presa e aquela pequena caçadora atenta que espreitava com as orelhas aguçadas, disposta a dar um salto assassino que nunca poderia acontecer. Os pardaís, espertos, conscientes da existência daquela barreira invisível, exibiam-se, descarados, diante do olhar impotente e excitado da fera caçadora encerrada em uma urna de cristal.

Tris-Trás foi imortalizada em uma das fotos que tiramos dela ao longo de sua vida, precisamente na atitude de ver passarinhos: está de costas, e sua figura é recortada contra a luz diante da janela pela qual se entrevê o pátio interno iluminado pelo sol (destacam-se as orelhas pontiagudas em estado de alerta). Em outra, afiou-se na cortina para se aproximar da janela, e só vemos claramente o rabo aparecendo no meio do tecido; a cabeça, sem dúvida concentrada na contemplação de passarinhos, aparece embaçada no outro lado da cortininha semitransparente. Em várias fotos está olhando para cima, com a carinha iluminada por um raio de sol, como se estivesse tendo uma revelação; intuimos que sua visão aguda de predador acompanha o voo de um pássaro no céu de um dia claro: tão distante, tão desejado e, embora inalcançável, não menos perseguido.

O corpo dos gatos deve ser conquistado aos poucos, pois eles são extremamente dignos e, a princípio, não permitem que ninguém os toque. Por isso, é preciso fazer como o Pequeno Príncipe fez com a raposa, no livro de Saint-Exupéry: um processo paulatino de sedução, aproximando-se cada dia mais um pouco, até conquistar a confiança da pequena fera pacífica. É assim que eles nos ensinam virtudes fundamentais, hoje abandonadas: a paciência, a perseverança, a capacidade de esperar sem obter resultados imediatos. Aprendemos, graças a eles, a conquistar, aos poucos, pedaço a pedaço, o pequeno corpo peludo, até que um dia nos permitam colocar os dedos nos lugares mais intocáveis: a cauda, o bosquezinho suave do ventre ou a fresca e viscosa fresta que fica entre as almofadinhas das patas.

Lembro-me bem do primeiro passo de aproximação de Tris-Trás. Fazia apenas alguns dias que estava em nossa casa e, desconfiada, ainda tendia a fugir da gente. À noite, às vezes ouvíamos passos discretos explorando cada canto da casa, mas, durante o dia, ela costumava se esconder nos lugares que considerava mais seguros: debaixo de uma poltrona, no meio das pernas de uma mesa, atrás da televisão, no estreito espaço entre os livros da estante e a parede (às vezes, de repente, um livro se mexia, chegava à borda da prateleira e caía com estrépito, provocando um relâmpago de fuga) ou, inclusive, debaixo da colcha da nossa cama, que ficava com uma corcunda engraçada: o corpo de um animal que sem dúvida não estava ali, já que ninguém podia vê-lo.

Ela foi se revelando aos poucos, e, em uma tarde, eu a surpreendi na cama do quarto de hóspedes, acariciando-se ao sol. Havia ali um pequeno sofá com uma cama reserva dobrável. Fiz como o Pequeno Príncipe; fingi que não a havia visto, sentei no sofá e comecei a me acariciar da única maneira que me ocorreu: lixando as unhas. Um animal que está quieto, absorto na afiação das unhas, é a coisa mais parecida com um gato se lambendo ao sol. E, captando inteligentemente minha mensagem não verbal que estabelecia uma afinidade entre nós, Tris-Trás deslizou da cama em que estava e se acomodou ao meu lado no sofá, dando-me ostensivamente as costas.

Então, eu soube que, por fim, ela confiava em mim. Ninguém dá as costas ao inimigo. Por isso, quando os gatos se sentam e nos oferecem as costas e as redondas ancas peludas, olhando para a porta do aposento — um gesto que parece de olímpico desprezo — eles estão fazendo uma verdadeira declaração

de confiança e afeto: não tenho medo de você e olho para a porta porque estou atento, disposto a defendê-lo dos possíveis predadores que talvez se aproximem pelo corredor com a intenção de entrar em nossa guarida. Os predadores — pensa o gato — não se aproximarão enquanto eu estiver aqui para defender este lugar que é meu e, também — por que não dizer? —, um pouco seu.

Dizem que acariciar a pele de um gato prolonga a vida, tal é a sua suavidade. Se a carícia for capaz de fazê-lo ronronar e provocar uma série de esfregões mimosos, o ato de acariciar se transformará em um exercício de relaxamento. Mas também é necessário fazer isso aos poucos, em uma ascese cuidadosa de conquista paulatina. As instruções para aprender a acariciar um gato podem ser as seguintes: • O conveniente é começar aproximando, pacificamente, a mão do focinho, para que seja cheirada e explorada. Por ora, não tente mais nada.

- Se a mão for aceita sem ser vítima de uma unhada feroz, nem receber um bufo de rejeição, então pode começar pela cabeça. “Se quiser o amor do bichano, coce seu crânio”, diz o ditado. Convém começar tocando a parte superior da testa, entre as duas orelhas eretas, naquele lugar onde os gatos tentam chegar quando se acariciam, esfregando a patinha molhada de saliva e dobrando-a de maneira inverossímil, como se não tivesse osso. Como alcançam com dificuldade esse lugar, uma carícia externa pode ser bem recebida; então, o senso de higiene do gato se sobrepõe ao seu bom senso, que o leva a desconfiar do animal enorme que está futucando sua cabecinha.

- Comece primeiro com a ponta de um dedo, e, depois, se não for rejeitado, use a unha.

- Se tudo correr bem, pode continuar traçando uma linha suave, começando pela testa e rodeando uma orelha. Notará que ali o pelo é mais suave, semelhante à pena de um pássaro.

- Não estranhe se, ao tocar atrás da orelha do gato, ele esfregar o focinho na sua mão ou na sua perna. Fique atento, porque, com o entusiasmo, alguns gatos costumam perder o tino e dar uma mordida com toda força. Essa é uma mordida de aceitação ou de gratidão, mas dói. Às vezes, a garra do gato dispara e faz uma viagem com as unhas retraídas (vontade de brincar ou um aviso, sem querer fazê-lo sangrar) ou expostas, abertas como garfos (sinal de digna rejeição, como se dissesse: “Deixe-me em paz e lembre que sou um felino, da mesma família dos tigres e dos leões”).

- Se você conseguiu chegar até aqui sem ser mordido ou arranhado, pode se aventurar a percorrer com a palma da mão a coluna vertebral, na qual cada vértebra se destaca, com elasticidade invejável, embaixo da pele macia.

- Se conseguir percorrer várias vezes o espaço que vai da nuca à base da cauda, pode considerar que foi aprovado na primeira lição de como acariciar um gato. O melhor a fazer será não insistir mais por hoje, pois uma das virtudes mais apreciadas pelos gatos é a moderação; o excesso de carícias se torna aborrecimento para quem as recebe, e esse primeiro encontro poderá acabar de forma violenta. Amanhã tem mais.

Chegamos ao curso avançado, que inclui outras carícias. A mais difícil é a que tem como objetivo a cauda, ou seja, ir com a palma da mão até a base do rabo, fechar o punho (sem muita força) em torno dele e então percorrê-lo da base à ponta. Na primeira vez em que tentei fazer isso com Tris-Trás, ela se agitou, ameaçou me arranhar, embora suas unhas estivessem cuidadosamente retraídas, pois, na verdade, não queria me machucar, e me dirigiu um olhar expressivo de indignação: “Imbecil, aí não se toca”.

A última fase é conseguir que o gato permita que você toque o bosquezinho de seda de seu ventre, onde a pele é mais suave; no entanto, quando ele se habitua, gosta tanto, que acaba transformando-o em um dos muitos direitos humanos dos gatos: fica de barriga para cima e exige com miados (às vezes, aos berros) que acariciemos seu ventre de uma vez por todas. E nós nos agachamos para satisfazê-los, comovidos pela confiança da pequena fera deitada de bruços, com as patinhas encolhidas, oferecendo-nos sua parte mais vulnerável, aquela em que um predador cravaria seus dentes para arrancar a pele e chegar às deliciosas entranhas. Nessa postura, matá-los seria muito fácil, se quiséssemos. Mas não queremos, e eles sabem disso.

A perfeita, a absoluta beleza em miniatura de um animal sem um único defeito físico, extremamente harmonioso. Na literatura medieval, foi desenvolvido o tema da *descriptio puellae*, a descrição da beleza de uma garota dos pés à cabeça, comparando cada parte do corpo com alguma coisa bela. Olho algumas fotos (das centenas que tiramos dela), nas quais a beleza da donzela peluda Tris-Trás se revela em todo seu esplendor.

Sempre se começa descrevendo a cabeça, que poderíamos comparar aqui a uma caixinha de marfim forrada com veludo; em seu interior, embora não possamos vê-la, há uma pedra de alabastro em forma de noz: o cérebro, tão rígido como um seixo rolado. Às vezes, parece impossível que possam caber, em um lugar tão pequeno e plano como a caixa cefálica do gato, ideias tão redondas, tão firmes, tão imóveis, tão enérgicas.

Sobre a caixinha de marfim elevam-se, eretas, duas orelhas sedosas que, quando são vistas à contraluz em uma manhã de sol, exibem, translúcidas, uma trama de veias rosadas.

A testa, ampla e limpa, tem o desenho de um M maiúsculo em tom escuro. A testa, portanto, poderia ser comparada a uma ardósia jaspeada e suave sobre a qual alguém começou a escrever.

Os olhos são dourados e, por isso, podemos compará-los facilmente a contas de âmbar translúcido, nas quais se percebem pequenas manchas negras, como se fossem insetos aprisionados no olhar desde tempos imemoriais.

Esses olhos de ouro e faíscas de mica são cercados por linhas marrom-escuras de inspiração egípcia, que partem da região superior do olho e alongam-se pelas bochechas, até chegar ao pescoço. Diremos, portanto, que essa maquiagem natural, feita de pinceladas de pelo, são os olhos de uma princesa do Nilo.

Outras linhas da mesma cor cercam o pescoço, como os colares ou braceletes usados pelos antigos.

As patas dianteiras também têm as mesmas linhas circulares, mas menores,

semelhantes a pulseiras.

Das mãos, diremos que não têm ossos — sabendo que mentimos, pois ocultam garras afiadas, que não estão nas fotografias, como tampouco se veem as fofas almofadinhas marrons, de couro desnudo, brilhantes e limpas, parecidas com grãos de café.

É fácil descrever o lombo: um arco que, quando quer, descansa e, quando quer, se estica como se fosse lançar uma flecha ao vento.

O rabo, uma serpente emplumada com argolas douradas e beges.

A pele do ventre é um bosque sedoso e, quando arqueia o lombo, estica as patas traseiras e levanta a cauda, exhibe, com naturalidade, um ânus rosado e limpo como uma flor.

De vez em quando, encontramos marcas de sua passagem, os sinais que delimitam seu território. Levamos algum tempo para compreender que essas sombras escuras, acinzentadas, que se percebem na parte baixa dos umbrais de todas as portas tinham algo a ver com Tris-Trás. A marca cinza, fosca, é, ao tato, um pouco gordurosa: restos da gordura do pelo de um animal que não está mais aqui e que, no entanto, deixou todo o nosso território delimitado, como se fosse seu. Cada vez que passava de um aposento a outro, roçava, quase imperceptivelmente, seu lombo no umbral da porta; fazia a mesma coisa nos pés das mesas e das cadeiras, na porta do terraço, nos pés da cama e em alguns aquecedores. Passava por esses lugares de uma maneira tão sutil que mal a percebíamos, mas agora que não está mais aqui, vemos que toda a casa está marcada. Dezenas, centenas de passadas do lombo pelos mesmos lugares deixaram, em toda parte, marcas que antes não víamos. Nossas lágrimas saltam quando, esgrimindo uma flanela impregnada de limpador líquido multiuso, vamos apagando essas marcas e recuperando esse lugar que um dia foi seu território e agora volta a ser exclusivamente nosso. Temos a sensação de estar conquistando uma terra deserta, um lugar vazio.

Entre todos os animais domésticos, o gato é o único que não foi domesticado pelo homem. Não porque continue selvagem (embora às vezes pareça) nem porque seja incapaz de conviver com os seres humanos, mas porque não foram os humanos que domesticaram o gato; foi o gato que domesticou a si mesmo. Em outros casos, os humanos pegaram filhotes de outras espécies, os habituaram a conviver no entorno deles ou os submeteram e dominaram; mas o gato resolveu, por conta própria, mudar e viver nas casas dos humanos. Por isso, os gatos não têm dono, e a convivência com eles é sempre resultado de um pacto, de uma negociação, não de uma dominação (talvez sejam os gatos que dominam os seres humanos, esses animais enormes e, no entanto, bastante dóceis).

Nos mercados das cidades do norte da África, ainda restam contadores de histórias que narram, diante de grupos de espectadores, fábulas recebidas por tradição oral, transmitidas de geração a geração; histórias que cada narrador enriquece com suas próprias contribuições e seus enfeites. Entre as histórias que são contadas, está a de como o gato domesticou o homem; esta pode ser uma versão: *Há milhões de anos, o gato ambicionava penetrar nos celeiros do homem. E sua ambição não se devia ao fato de que desejasse os cereais que eram guardados ali — já que, para o gato, não tinham nenhum valor —, mas porque*

observara que os ratos e as ratazanas entravam às escondidas nos silos, aproveitando qualquer pequeno burquinho ou qualquer fresta entre as portas para comer o trigo ou a cevada. E, por isso, o gato, um animal esperto e astuto, pensava que, se pudesse ele mesmo entrar nos silos e nos celeiros de grão dos homens, sempre encontraria ali caça abundante e poderia se alimentar com segurança e pouco esforço.

Mas nem sequer lhe era possível aproximar-se dos povoados onde ficavam os celeiros, pois, naquela época, o gato era um animal selvagem, que vivia em liberdade nos desertos e caçava à noite, quando a terra se livra da ardência do sol e os insetos e os pequenos animais abandonam seu refúgio no meio da areia para reviver com o ar fresco da noite. O homem odiava os animais selvagens do deserto e procurava mantê-los afastados dos povoados, perseguindo-os até matá-los, e essa era a razão pela qual o gato não podia se aproximar dos povoados nem de seus celeiros.

O gato tem uma qualidade que o homem não tem: é paciente e não se importa em esperar. Ao contrário do homem, que quer fazer tudo depressa, que trabalha aceleradamente e mal tem tempo para se sentar e descansar, o gato se senta, se acomoda e espera pela melhor ocasião para entrar em ação. Por isso, o gato meditou e meditou e meditou sobre como poderia entrar nos celeiros, e, por fim, resolveu dar um pequeno passo para se aproximar das casas dos homens.

Uma noite, quando os homens estavam dormindo, o gato foi se aproximando de um povoado, e, quando achou um lugar que lhe pareceu adequado, escolheu uma árvore, trepou pelo tronco com o auxílio das unhas e acomodou-se em um galho alto, em um lugar onde os homens pudessem vê-lo, mas, se tentassem pegá-lo, pudesse fugir com facilidade.

O dia amanheceu e, a princípio, os homens não repararam no gato, porque, embora estivesse à vista de todos, sua pelagem o fazia passar despercebido entre as luzes e as sombras formadas pelas folhas da árvore. E, além disso, os homens estavam ocupados em suas tarefas e não se entretinham em olhar para cima, para o lugar de onde o gato os observava, bem instalado em um dos galhos. E o gato esperou, e esperou, e esperou.

Alguns dias depois, na hora em que o Sol está mais alto no céu, os homens, sem conseguir suportar o cansaço e o calor, sentaram-se para descansar à sombra de um falso-plátano que dava uma sombra muito fresca; o gato soubera escolher bem e estava na árvore que dá a melhor sombra, o falso-plátano. Um dos homens, que havia se deitado à sombra, olhou para cima, viu o gato confortavelmente sentado em seu galho, avisou os outros e todos começaram a atirar pedras para matar o gato ou para afugentá-lo dali, como faziam com todas as animálias. Naquela época, os homens eram selvagens e mal distinguiam um gato de uma cobra ou de um chacal; para eles, todos os animais que viviam em liberdade eram iguais. Mas, como o gato estava em um lugar muito alto e firmemente assentado em um galho, as pedras que atiravam não chegavam a alcançá-lo e acabavam caindo na cabeça de quem as atirara. Até que os homens se cansaram de receber na cabeça as próprias pedradas e resolveram deixar o gato em paz, continuar descansando

enquanto o gato os vigiava, e depois voltar a trabalhar. O gato ficou ali, no lugar que havia escolhido, e permaneceu nele durante todo o tempo que quis; foi embora quando achou que devia e voltou sempre que quis, e, de vez em quando, quando queria, caçava alguns dos pássaros que apareciam para bicar as frutas da árvore.

Aos poucos, os homens foram percebendo que os pássaros não comiam as frutas da árvore em que o gato costumava se alojar, pois ele os caçava ou as próprias aves fugiam temendo ser devoradas. Por isso, passaram a achar que era positivo que o gato subisse naquela árvore e ficasse nela o tempo que quisesse; quanto mais tempo melhor. Dessa maneira, o gato começou a domesticar o homem, pois, quando se trata de domesticar um animal, o primeiro passo é fazê-lo aceitar a presença de seu amo sem atacá-lo, e o gato conseguiu que o homem aceitasse sua presença e até a desejasse.

Uma vez que o homem havia se acostumado com a presença do gato e o aceitara como amo, para o gato foi muito fácil entrar nos celeiros dos homens, porque tinha o corpo ágil e flexível, era capaz de saltar e trepar e, quando não conseguia passar pelas frestas das portas, penetrava pelos alçapões usados para verter o grão no interior dos silos ou pelos respiradouros que se fazem nos telhados para que o trigo fique arejado e não apodreça. Ali, nos celeiros, à noite, caçava à vontade, mal se esforçando, porque os ratos e as ratazanas entravam achando que iam se alimentar e não percebiam que o gato estava escondido entre as montanhas de trigo; além disso, durante o dia, dentro do celeiro, o gato podia se manter a salvo do calor.

Mas o gato era orgulhoso e não lhe bastava poder caçar ou viver com conforto nos celeiros dos homens; ambicionava que o homem lhe agradecesse e pedisse a sua ajuda. Por isso, e de propósito, começou a deixar cadáveres de pequenos camundongos à vista, para que o homem os encontrasse toda vez que entrasse no celeiro para pegar o grão; e sempre deixava naqueles animaizinhos mortos sinais de suas garras, para que o homem os visse bem e soubesse quem os havia matado. Às vezes, pisava intencionalmente no sangue de suas vítimas ou afiava as unhas na cal das paredes do celeiro e, depois, com as almofadinhas empapadas de sangue ou cobertas de cal, andava por todos os lugares para deixar um rastro com as marcas de suas patas: queria que o homem visse com clareza quem lhe fazia aqueles favores e a quem devia ficar grato por se livrar dos ratos e das ratazanas que antes comiam seu grão.

O homem, embora fosse um pouco lerdo e tivesse os reflexos lentos, acabou percebendo que nos celeiros onde encontrava os rastros do gato não havia ratos nem diminuía a quantidade de grão, e ficou tão grato ao gato, que lhe permitiu viver no celeiro e entrar e sair dele quando bem entendesse. Mas o gato era orgulhoso e começou a ambicionar ter mais poder sobre os homens, entrar em suas casas e apoderar-se do que havia de melhor nelas. E, sentado sobre as montanhas de trigo que eram o sustento dos homens, começou a pensar em como poderia atingir seu objetivo, e meditou, e meditou, e meditou.

Depois de meditar muito, o gato percebeu que o homem gostava imensamente de suas crias, cuidava delas com abnegação e as mantinha e alimentava durante anos. Por isso, pensou que, se também conseguisse domesticar as crias do homem, o homem faria tudo o que quisesse e estaria à sua disposição.

Além disso, o gato achava agradáveis as crias dos homens, porque estavam sempre em lugares confortáveis e abrigados e emitiam um cheiro aprazível do leite morno que mamavam nos peitos de sua mãe, a fêmea humana. Então, um dia, o gato deslizou para dentro da casa do homem — não sabemos se entrou por uma porta entreaberta, por uma janela ou por um buraco do teto, porque tudo era possível para ele e nada lhe oferecia resistência e, além disso, era corajoso e não recuava diante de nenhum perigo — e, agachado em um canto, esperou que a noite chegasse e o homem e sua mulher adormecessem. Então, saiu de seu esconderijo e foi até o berço onde dormia a cria do homem, aninhou-se junto a ela para aproveitar seu calor e adormeceu. A cria, como tinha pouca idade, era parecida com os animais e era, portanto, mais sábia do que seus pais — pois os homens vão perdendo sabedoria à medida que crescem, e isso é por causa de uma doença da qual sofrem, que se chama Razão —, e achou agradável o calor do gato e a suavidade de sua pele, que era mais macia e cálida do que a pele de sua própria mãe, a fêmea humana; acomodou seu corpo ao do gato, e dormiram, um ao lado do outro, boa parte da noite. E, dessa maneira, foi domesticada a cria do homem.

Quando o gato e a criatura estavam assim, dormindo juntos no mesmo berço e no melhor dos sonhos, um rato saiu de sua toca. Os ratos também são atraídos pelo cheiro de leite morno dos lábios das crianças pequenas e, muitas vezes, aproximam-se dos berços onde elas dormem, enfiam-se no meio dos lençóis e mordem suas orelhas e mãozinhas, que são para eles um doce manjar.

Foi o que aconteceu naquela vez: o rato chegou e se enfiou no berço da criatura com a intenção de comer suas orelhas e os dedinhos de suas mãos, que têm sabor de leite, sem perceber que o gato estava ali, dormindo ao calor da cria do homem. Como os gatos têm o ouvido muito fino e enxergam na escuridão, o gato acordou e ficou espreitando, mal se mexendo, tal como estava no berço, e caiu em cima do rato, segurou-o pelo pescoço com os dentes e o matou com um golpe certo de suas patas traseiras.

O gato é um animal sagaz e astuto e, embora tivesse fome e lhe apetecesse comer o rato, pensou que, se em vez de devorá-lo o deixasse cair ao pé do berço, tiraria mais proveito, porque o homem lhe ficaria grato, como ficara quando começou a encontrar ratazanas mortas no celeiro. E assim foi, porque, quando, de manhã, a fêmea humana chegou para aleitar sua criatura, viu o rato ao pé do berço e se assustou; mas logo viu o gato dormindo (ou fingindo que dormia) ao lado da cria e compreendeu que o gato salvara a vida da criatura ou impedira que o rato a deixasse sem orelhas ou sem os dedinhos das mãos. E contou o que viu a seu macho, o homem, para que também ficasse grato ao gato, que lhes havia feito tão grande favor.

A partir daí, o homem deixou que o gato entrasse e saísse de sua casa quando bem quisesse, que se sentasse para dormir perto da lareira no inverno e descansasse no lugar mais fresco no verão; como oferenda, dava-lhe a cada dia um pouco dos melhores manjares que comia, e o gato às vezes aceitava e outras vezes não, conforme sua vontade. E era tal a submissão do homem e de sua família aos desejos do gato que, quando o homem ia se sentar em um lugar e encontrava ali o gato, retirava-se e sentava-se em outro lugar; porque cabia ao gato escolher primeiro o lugar em que se acomodar em cada momento, e, só depois que tivesse escolhido, o homem podia tomar lugar; e, se uma porta estivesse fechada e o gato se postasse diante dela e miasse para que a abrissem, o homem ou a mulher ou a criatura o acudiam imediatamente, e abriam e lhe davam passagem, porque o miado do gato era para eles uma ordem à qual não podiam desobedecer.

Naquela época, os homens costumavam ter aves em suas casas, para se deleitar com seus cantos ou com a cor de sua plumagem e gozar de sua companhia. Nas residências do homem havia pássaros canoros, galos e galinhas, gansos e outras aves, que se movimentavam livremente pelos quintais e aposentos, faziam companhia aos homens e a suas mulheres e brincavam com as crianças.

Isso deixava o gato muito irritado, pois as aves eram sujas e defecavam em todos os lugares, e não há coisa que incomode mais o gato do que a sujeira. Além disso, às vezes, as aves, confiando na proteção de seus donos, se atreviam a bicar a comida que era oferecida ao gato ou a ocupar seus lugares favoritos. E, embora o gato as afugentasse, deixavam o lugar cheio de penas e de cheiro de excremento, de forma que o gato tinha de gastar muito tempo escavando o lugar e incomodando-se para afastar o mau cheiro.

Por isso, decidiu expulsar as aves da casa e começou a caçá-las sem cessar, sem lhes dar trégua, de maneira que os homens encontravam, de vez em quando, uma pomba morta em cima da cama ou um ganso degolado no meio do quintal, ao lado do poço.

Como o pensamento dos homens não é muito ágil, levou um pouco de tempo para que entendessem o que tinham de fazer. Mas, por fim, entenderam e afastaram as aves dos aposentos das casas, trancaram-nas em gaiolas ou as enfiaram em currais, onde cuidavam delas e as alimentavam; desde então, não voltaram a ter galinhas nas alcovas nem pombas nas cozinhas. E o gato se assenhorou da casa do homem na condição de único dono.

Às vezes, quando chegava a época do cio ou lhe apetecia caçar em outro lugar, o gato saía da casa do homem, desaparecia durante dias e semanas e voltava quando bem entendia, porque não tinha de pedir permissão para entrar ou sair das casas, dos celeiros e das hortas dos homens; e quando o gato voltava para casa e o homem e a mulher o viam entrar pela porta ou o encontravam alojado em seu lugar preferido, ficavam muito felizes e diziam um ao outro “Olhe, o gato voltou!”, e lhe ofereciam comida ou se atreviam a deixar patente sua submissão passando a palma da mão no lombo do gato, que é a maneira usada pelos humanos para manifestar sua submissão aos gatos. E o gato, às vezes, arqueava o lombo e levantava o rabo, para mostrar

que aceitava aquelas mostras de submissão, ou, então, quando não estava de bom humor, bufava e exibia as unhas, para que o homem se retirasse e parasse de importuná-lo.

Um dia, o gato morreu e o homem se sentiu tão desamparado que quis conservar pelo menos seu corpo. Por isso, mandou chamar embalsamadores para que embalsamassem o corpo do gato, o mumificassem — como se fazia com as pessoas —, e o encerrassem em um pequeno ataúde, feito sob medida para o gato. Depois, o homem enterrou o gato com todas as honras, e, a partir daquele dia, considerou-o um deus e mandou fazer pinturas murais e pequenas esculturas com sua imagem.

Mas o gato havia deixado uma grande descendência sobre a Terra, e logo outros gatos vieram às casas dos homens, para ocupar os lugares que, por sua dignidade, lhes cabiam e receber mostras da devida reverência. E os homens se alegraram porque haviam recebido a visita da reencarnação de seu deus.

Foi assim que os gatos domesticaram os homens e se tornaram seus amos, e essa vassalagem dura até hoje.

Os seres humanos — pensa o gato — padecem de uma enfermidade congênita degenerativa que se chama Razão. Essa doença afeta gravemente a qualidade de vida dos humanos e, quando não é tratada adequadamente, submetida a períodos mais ou menos longos de inatividade, pode ser letal para o espírito.

A princípio, a enfermidade mostra poucos sintomas. A cria humana, chamada de bebê ou de criança pequena, tem a aparência e o comportamento da cria de um animal qualquer: come quando lhe oferecem comida (como muitas crias, não é capaz de buscar alimento por si própria), dorme sensatamente (quer dizer, sempre que lhe apetece), faz suas necessidades sem problemas (embora com pouca higiene: sua forma de se lambuzar com os próprios excrementos não tem nada a ver com o asseio precoce dos gatos, que nem nos primeiros dias de vida admitem semelhante porcaria) e usa as poucas horas que passa acordada para não fazer nada, não pensar em nada, ou se distrair com coisas insignificantes e efêmeras, próprias do presente, como olhar suas próprias mãos à contraluz, dar gritinhos para ouvir a própria voz ou chupar um pé. Quando está à vontade, mostra sua alegria e, se está contrariada, também exprime seu aborrecimento, sem dissimulação. E, sobretudo, ainda não manifesta o sintoma mais grave da doença: a mania de planejar o futuro, de imaginar o que acontecerá (que talvez não aconteça nunca), o que provoca nos humanos um sério déficit de atenção quanto ao presente; pensando no que virá e talvez não venha, os humanos adultos acabam incapazes de perceber o que há ao seu redor. Estão sempre antecipando ou recordando, mas não prestam nenhuma atenção ao presente. Andam pela vida como sonâmbulos, absortos em seus próprios pensamentos e isolados da realidade.

Os primeiros sintomas da doença Razão se manifestam quando o ser humano começa a adotar posturas estranhas. De repente, quase de um dia para outro, ele desiste de usar as patas dianteiras como base de apoio e se esforça para mantê-las erguidas, apoiando-se apenas nas patas traseiras. É rara a cria humana que não comece a manifestar esses sintomas ao chegar ao primeiro ano de idade. A

princípio, a sábia natureza pretende impor suas leis, e a cria humana, ao avançar com a cabeça bem na frente das extremidades traseiras que lhe servem de apoio, perde o equilíbrio e tende a cair; mas, por mais que caia e por mais que se machuque, a enfermidade se impõe e o ser humano acaba adotando, para se deslocar, uma posição estranhíssima, instável, apoiando todo o peso do corpo nas pequenas almofadinhas das patas traseiras, que logo começam a sofrer deformações e, depois, a doer muito.

Essa não é a única deformação física de que o ser humano padece por culpa da doença Razão. A coluna vertebral, colocada em posição vertical (uma postura inverossímil), começa a ficar rígida: um ser humano jamais conseguirá se esticar, balançar a pélvis ou avançar com as patas dianteiras deixando estacionadas detrás as traseiras, provocando, assim, agradáveis estiramentos da coluna e da musculatura adjacente, como fazem os gatos. As vértebras dos humanos enrijecem, fundem-se umas com outras e perdem mobilidade; essa posição deve lhes causar, sem dúvida, dores enormes. Como consequência, também se deteriora sua capacidade de correr e pular; nunca se verá um ser humano saltar com naturalidade da rua à janela de um primeiro andar, por exemplo, que seria o equivalente, em seu tamanho, ao que faz um gato quando sobe com um salto em uma mesa.

Outra das consequências indesejáveis das deformações físicas causadas pela Razão é o fato de o ser humano raramente ser capaz de adotar posturas cômodas. Como era de se esperar, sente-se desconfortável quando está em pé e sofre terríveis dores e efeitos secundários quando fica nessa postura durante muitas horas, mas tampouco encontra uma posição confortável quando está sentado ou deitado. Ademais, por causa da deformação de sua coluna, perde flexibilidade: não consegue mais chupar um pé, como quando era pequeno, tampouco é capaz de lamber os órgãos genitais, coisa imprescindível para se limpar. Como resultado, sua higiene se torna deficiente, e, para se assear — já que não é capaz de fazê-lo normalmente com a língua —, tem de recorrer a procedimentos estranhos e até perigosos, como, por exemplo, submergir total ou parcialmente na água.

No entanto, o pior são os danos neurológicos. A mente dos seres humanos segrega constantemente substâncias tóxicas, chamadas de ideias, que chegam a invadir todo o organismo. Não há pessoa humana que não arraste o peso de uma porção de ideias na cabeça. Na realidade, ter ideias não é ruim, mas os humanos, em vez de ter cada vez uma única ideia, persistente e clara, como fazem os gatos, têm muitas ideias ao mesmo tempo, por um excesso de secreção de sua mente.

O excesso de ideias faz com que estas se emaranhem e produzam um estado de confusão permanente, isolamento do entorno, déficit cognitivo em relação a alguns sinais evidentes (são incapazes de pressentir os terremotos e as tormentas; não percebem a iminência do perigo; e, em consequência, nunca se colocam a salvo a tempo — os perigos sempre os surpreendem, e, por isso, sofrem muitos acidentes); diante de uma situação de risco, em vez de fugir e se proteger em um lugar seguro conhecido, eles se entretêm analisando e tentando entender o que está acontecendo, e, por isso, quando querem reagir, já é muito tarde. Isso faz

com que os seres humanos sejam despreparados para enfrentar os perigos da existência: diante de um perigo, produzem ideias em vez de agir.

Outra consequência dessa saturação de ideias no cérebro é que os seres humanos são, em geral, incapazes de fazer coisas tão simples como acomodar-se e deixar a mente vazia. Achar difícil — para não dizer impossível — chegar a um estado tão simples como é não pensar. Nem é preciso dizer que isso os impossibilita de viver o presente: seu corpo está aqui e sua cabeça está sempre em um lugar inexistente do passado ou do futuro aonde suas ideias os levam.

Nos casos mais graves da enfermidade Razão, as ideias chegam até a impedir o sono. Quando os gatos fazem suas incursões noturnas, muitas vezes ouvem claramente os seres humanos remexendo-se em suas camas, dando voltas sobre si mesmos: são as ideias que os impedem de descansar, como se, deitados no escuro às quatro da manhã, pudessem resolver alguns dos problemas que imaginam que os afetam e que, na maior parte das vezes, são apenas secreções provocadas por sua Razão. Só são capazes de conciliar o sono quando começa a amanhecer e o despertador toca.

Os gatos — penso — sempre sabem o que fazer com o corpo. Acomodam-se confortavelmente em qualquer lugar, de preferência quente e macio: uma poltrona, uma almofada, uma pilha de papéis ou de panos, no retângulo das lajotas aquecidas pelo sol que entra pela janela. Quando se sentam sobre as ancas e olham atentamente ao redor, em posição de alerta, parecem um vaso de porcelana peluda. Em outras ocasiões, acomodam-se em uma postura que recorda vagamente a de um frango assado, também peludo; nessa posição, às vezes colocam as mãos esticadas para frente, no gesto solenemente felino de uma esfinge em miniatura; mas, com mais frequência, quando estão na posição de frango assado, cruzam com naturalidade suas mãozinhas sob o peito, uma postura relaxada que desperta certa ternura porque as patas dianteiras ocultam sua condição de garras e adotam a aparência de um cilindro suave no qual encerram suas mãos macias que parecem não ter ossos.

Também gostam de dormir enroscados sobre si mesmos, em uma contorção inverossímil, na qual, no entanto, parecem se sentir bem confortáveis: colocam a cabeça entre as patas dianteiras (ou sobre elas) e o focinho chega a tocar a base da cauda — uma rosquinha de pelo suave. Quando a luz os incomoda, são capazes de tapar os olhos com o rabo, simulando uma máscara, ou de cobrir a cara com um dos bracinhos, em um gesto quase humano, infantil. Passam tantas horas nessa posição desconjuntada, que parecem que estão mortos. Só o leve vaivém da pele das costelas e do ventre, que sobe e desce compassadamente ao ritmo de sua respiração profunda, indica que estão vivos.

De repente, abrem um olho, depois outro, e o que até então era um frango assado de pelúcia ou um cilindro de pelo sem articulações nem ossos se espreguiça lentamente: surgem duas garras terríveis, cheias de unhas afiadas, que agarram a superfície mais próxima, afastando muito os dedos; as patas dianteiras se esticam, revelando músculos bem delineados; as cadeiras balançam para trás e para frente (parece que as patas traseiras foram esquecidas pelo caminho); e o lombo se arqueia primeiro para cima e depois para baixo, em um jogo no qual parecem se desenhar todas as vértebras por baixo da pele (não à toa

uma das posturas da ioga se chama “posição do gato”); um bocejo enorme exhibe caninos ferozes e uma língua que se assemelha a uma lixa rosada. Aquilo que há pouco parecia um boneco de pelúcia, um brinquedo delicado e inofensivo, se mostra durante um instante como o que é de fato: uma fera selvagem levemente domesticada, um bicho que poderia arrancar nossos olhos ou despedaçar nossa pele, se quisesse. Depois, giram duas ou três vezes sobre si mesmos, dando voltas no leito quente, e voltam a se acomodar para dormir mais algumas horas.

Fomos ensinados, desde a infância, que existe um Deus onisciente que está em todos os lugares e que tudo vê. O que pensaria esse Deus se se entretivesse em nos olhar agora, neste momento de paz familiar na sala de nossa casa?

No sofá estão três seres vivos: dois grandes e um pequeno. Os dois seres vivos grandes, cujos corpos imberbes estão envoltos em tecidos, se concentram, quase amontoados uns sobre os outros, em uma metade do assento do sofá; a outra metade está ocupada pelo ser vivo pequeno, cujo corpo está completamente coberto de pelo.

O ser vivo pequeno se acomoda no centro da parte disponível do sofá e parece estar confortável, com o ventre apoiado no tecido do forro. As patas traseiras estão dobradas, e os braços cruzados suavemente sob o peito. As orelhas, cobertas de um pelo mais fino que o do resto do corpo, estão eretas, em atitude de alerta, apesar de parecer cochilar.

Os dois seres vivos grandes não parecem, no entanto, sentir o mesmo conforto. O espaço é insuficiente para os dois, e, por isso, não estão apenas juntos, mas praticamente amontoados. As pernas de ambos, dobradas em cima do assento, tentam se adaptar ao espaço exíguo encaixando-se entre si. Os torsos dos dois estão colados e o ser maior estreita com seu braço esquerdo o outro ser, encostado levemente em seu peito. Toda vez que um deles quer mudar de posição, o outro também tem de se mexer e se reacomodar; enquanto isso, na outra metade do sofá continua havendo espaço de sobra, pois é ocupado apenas pelo animal pequeno e peludo, em torno do qual resta um amplo território livre.

De repente, os dois seres grandes parecem perceber — finalmente, pois tiveram dificuldade de se dar conta — que não estão confortáveis, apesar de, em teoria, estarem acomodados no sofá. Mudam de postura, procuram se acomodar melhor, e então têm, pela primeira vez, consciência de que um está quase em cima do outro. Os dois olham com surpresa para o gato, que ocupou a outra metade do sofá, e se perguntam como um animal tão pequeno foi capaz de encurralá-los dessa maneira.

Os gatos são apaixonados pela leitura; tanto, que às vezes não nos deixam ler, porque disputam conosco os textos impressos.

Quando estamos lendo um livro ou jornal, interpõem-se entre nossos olhos e o texto, acomodando-se solenemente no papel; perguntamo-nos, estupefatos, qual é a razão de seu fascínio pelo texto escrito, até que, um dia, por acaso, nos ocorre colocar a mão sobre o livro aberto: foi aquecido pelo calor da lâmpada que usamos para iluminar a leitura; essa leve tepidez é imediatamente detectada pelo gato, que se acomoda no espaço confortável que fica entre a luz que nos ilumina e o nosso colo, também cálido. O papel do livro ou do jornal recebe os dois calores, o artificial da lâmpada e o natural do nosso corpo, e esse fenômeno

físico é entendido rapidamente pelo gato, que decide que o livro, suavemente aquecido por cima e por baixo, é, naquele momento, o lugar mais acolhedor da casa: o lugar onde ele deve estar.

O único problema é que é um pouco difícil ler um livro ou um jornal com um gato sentado em suas páginas; mas esse problema é exclusivo dos lerdos humanos, incapazes de entender o verdadeiro significado das coisas. Os gatos não veem nenhum inconveniente nessa situação.

Os seres humanos — pensa o gato —, embora, em geral, sejam desajeitados e lerdos, não deixam de ter certas habilidades surpreendentes.

Uma das coisas que mais chamam a atenção são suas patas dianteiras, membros de formação irregular e praticamente sem pelo. Os seres humanos não costumam usá-las para se apoiar na terra e andar, como seria esperado; só às vezes, quando brincam com seus cachorros, adotam a postura normal de quatro patas. Mas, em geral, as patas dianteiras pendem inertes das articulações, obrigando os humanos a se sustentar em um equilíbrio instável sobre as patas traseiras, o que — diga-se de passagem — deixa as clavículas, o peito e o ventre expostos a todo tipo de ataque ou agressão. À primeira vista, as patas dianteiras humanas parecem órgãos atrofiados e inúteis.

Devemos acrescentar a isso o fato de que eles são praticamente desprovidos de unhas. Ao invés das úteis unhas retráteis, que podem ser escondidas ou exibidas à vontade, as unhas dos humanos não passam de pequenas escamas aderidas à extremidade superior dos dedos e têm pouca utilidade, pois não servem para agarrar, para rasgar nem para se fixar nas superfícies. Em consequência, não podem trepar e têm de usar instrumentos para cortar as coisas, inclusive a comida.

Ainda por cima, têm a estúpida mania de não afiá-las; cortam-nas brutalmente, usando instrumentos metálicos que são uma verdadeira tortura. Sua mania de cortar as unhas os leva a cortar não apenas as próprias, mas também as de seus cachorros — que, sensatamente, costumam resistir chorando com berros lancinantes, sobretudo quando são muito pequenos — e, o que é pior, também tentam usar essa nefasta prática com os gatos, que, com toda razão, costumam se debater para evitar o suplício e, às vezes, não têm outro remédio além de desferir unhas com a vã esperança de que os humanos entendam, de uma vez por todas, para que servem as unhas e como devem ser usadas. Essas demonstrações didáticas, não obstante, costumam ser inúteis, e os humanos continuam insistindo em cortar suas unhas ou em cortar as de todos os seres vivos que os cercam, inclusive as de seus próprios filhos.

Talvez essa prática de cortar as unhas tenha sido a responsável, ao longo do tempo, pela atrofia de suas patas dianteiras. Como não afiam as unhas, tampouco fazem os saudáveis exercícios de afiação com estiramento, que ajudam a manter a musculatura dos braços em forma e flexibilizam a coluna vertebral. Parece mentira que vivendo, como vivem, cercados de objetos ideais para a afiação (poltronas, sofás, tapetes, pés de cadeiras e de mesas, edredons recheados com plumas, colchas de renda, cortinas, caixas de papelão, tênis etc.) não aproveitem essa facilidade e jamais afiem suas unhas.

As patas dianteiras dos homens não são, porém, totalmente inúteis. Isso se

deve à estranha configuração de suas garras e a forma engenhosa como as usam.

Imaginemos, por exemplo, uma situação corriqueira: há uma coisa desconhecida no chão. Nesse caso, o habitual é aproximar-se dela com cuidado para que, se estiver viva, não tenha tempo de fugir. Quando chegamos perto, o normal é esticar depressa e, sem fazer barulho, com uma pata dianteira, tatear com o dorso da garra a coisa inerte e afastá-la imediatamente. Assim, poderemos checar, com esse pequeno estímulo da pata dianteira, se a coisa é capaz de se mover ou não. Se permanecer estática, o adequado será fazer outra exploração rápida com a mesma pata, com mais força, e atirar a coisa no ar; e aí, quando cair de novo no chão, pular em cima dela, agarrá-la com as garras dianteiras, e, deitando de lado, dar um golpe certo com as duas patas traseiras, a fim de quebrar seu pescoço. Dessa maneira, se a coisa jacente estava viva, certamente deixou de estar e, se for comestível, poderá ser ingerida. Se não for comestível, poderemos optar por ficar em pé e nos afastar dignamente, como se não nos importássemos nem um pouco com a coisa jacente — de fato, uma vez explorada, já não nos importa —, ou guardá-la para uma ocasião melhor, atirando-a debaixo do sofá ou de algum outro móvel com um golpe certo da garra dianteira.

Os seres humanos nunca agem assim. Quando veem uma coisa no chão, aproximam-se diretamente, sem dissimular nem se esconder, de forma tão lerdada que quando a coisa está viva sai imediatamente correndo e vai se esconder. Quando chegam ao lugar onde a coisa está, agacham-se diante dela e abrem de forma extraordinária a extremidade de sua pata dianteira, que realmente não pode ser chamada de garra porque é quase desprovida de unhas.

Essa capacidade da garra humana — vamos chamá-la assim — é algo assombroso: os dedos são muito separados uns dos outros e providos de múltiplas articulações, de modo que podem ser encolhidos e esticados de várias maneiras. Inclusive, é possível deixar uns dedos esticados e outros dobrados, dobrar em várias partes um mesmo dedo e até — coisa espantosa — opor uns dedos a outros. Assim, podem agarrar qualquer coisa e levá-la à altura do rosto, depositá-la em outro lugar ou até espremê-la com os dedos e guardá-la dentro da garra, fechando os dedos e formando com eles uma bola. Depois, abrem a garra à vontade, total ou parcialmente.

Os dedos também podem adotar diversas posturas, uns em relação aos outros: podem estar todos juntos, grudados entre si; separar-se totalmente, deixando um grande espaço entre um dedo e outro; um dedo pode se afastar de todos os outros; os dedos podem unir suas pontas e formar um círculo. São muitas as posturas que os dedos podem adotar, e seria cansativo descrevê-las; além do mais, quem nunca as viu jamais conseguiria imaginá-las.

Essa qualidade da garra humana tem muitas vantagens. Por exemplo, um ser humano pode acariciar a testa de um gato com dois dedos juntos, separar um deles e coçá-lo suavemente sob a orelha ou sob o queixo (lugares que os gatos têm dificuldade de alcançar), percorrer a espinha dorsal do gato com um ou dois dedos e acabar, de forma inesperada, coçando sua barriga com todos os dedos em oposição ou fechar a garra e acariciar suavemente sua cauda percorrendo-a

da base à ponta. Às vezes, inclusive, conseguem introduzir um dedo entre as almofadinhas das patas dianteiras do gato e coçar suavemente ali, no meio delas.

Além do mais, todos esses movimentos são feitos com uma precisão incrível, levando-se em conta que esses animais se movimentam, em geral, de forma imprecisa e lerda. São capazes, por exemplo, de administrar progressivamente a pressão das garras, acariciando ou coçando primeiro suavemente e depois com força, ou vice-versa; podem fechar os dedos apertando ou deixando um buraco entre eles; podem dar batidinhas alternadamente com um dedo, e depois com outro, e depois com um terceiro.

Essas habilidades lhes são muito úteis quando se trata de conseguir comida: abrem pacotes de ração com espantosa facilidade, e depois voltam a fechá-lo e guardá-lo em seu lugar, sempre usando as garras. Alcançam coisas inalcançáveis, abrem portas fechadas e, de manhã, ao acordar em seus quartos, são capazes de afastar com as garras obstáculos que impedem a entrada da luz do sol.

Talvez seja o fato de conhecerem o poder de suas mãos que leva os seres humanos a ser, às vezes, arrogantes, apesar de serem animais extremamente imperfeitos.

Dizem que acariciar um gato prolonga a vida. Talvez essa superstição se deva à percepção de que acariciar um gato produz um prazer vivificante. Não se trata apenas da suavidade sedosa de sua pele. À medida que vamos passando a mão uma e outra vez pelo pequeno bosque de pelo morno, sentimos um suave calor, uma fraqueza que se espalha do plexo solar ao centro do peito.

Se o animal é carinhoso e procura nossas carícias ou, melhor ainda, se começa a ronronar, podemos passar vários minutos absortos na tarefa de acariciá-lo, sem pensar em nada além do que sentimos nesse momento, naquilo que é transmitido pela pequena vibração do ronronar, que ninguém jamais conseguiu explicar como acontece. Estar absorto em alguma coisa, concentrado em uma única coisa é uma tarefa difícil para animais tão dispersivos como os seres humanos. Quando acariciamos um gato, nos aproximamos ligeiramente de como deve ser a vida dos animais, focada no instante. O tempo parece ficar um pouco suspenso, e esquecemos momentaneamente nossas obrigações e urgências. Talvez seja assim que nossa vida se prolonga, não no tempo, mas em intensidade.

Um ditado catalão diz: *qui no té feina, el gat penteina*. Quem não tem nada a fazer, penteia o gato.

Também poderia dizer o contrário: quem penteia o gato, se o faz como é devido, com a concentração necessária, suspende durante um tempo suas atividades, seus urgentes afazeres, e se concentra brevemente no mero fato de viver.

Um dos braços do sofá de couro está danificado. Prestando atenção, vemos cinco pequenas fendas, semelhantes a cinco pequenos ilhós, ali onde o couro está rasgado. Quando as tocamos, parecem pequenas pestanas, semelhantes a essas pelinhas que às vezes se levantam nos dedos, ao redor das cutículas. Há cinco delas no braço do sofá da sala.

Tris-Trás jamais afiava as unhas no sofá de couro. Havendo tantos elementos

têxteis na casa (sofás, cadeiras forradas, a cobertura acolchoada do canapé, o grosso edredom que usávamos no inverno), afiá-las no sofá de couro teria sido como afiá-las no ventre de um grande animal adormecido. Talvez percebesse, com seu fino instinto animal, a condição orgânica do forro: aquilo era couro e, salvo em caso de extrema necessidade, o couro deve ser respeitado, para não irritar seu proprietário. Sabe-se lá o que pode fazer um sofá que, exasperado pelo gato que afia as unhas em seu ventre, se levanta de um pulo e se coloca em posição de defesa no meio da sala; um sofá perseguindo você pelo corredor e atropelando-o, ou atirando-se sobre você com o mais poderoso e elástico de seus saltos pode ser uma coisa terrível. É melhor agir com prudência e não correr riscos desnecessários, porque uma coisa é encolher-se nas tardes de inverno no seio de um grande animal — o sofá adormecido —, um animal de sangue frio ao qual o gato oferece seu calor: a pele do sofá fica logo morna ao entrar em contato com a pele do gato — e outra, muito diferente, é sair por aí, provocando bestas muito maiores do que você. Nesses casos, o adequado é procurar uma convivência pacífica.

As cinco pequenas fendas do braço do sofá foram, na verdade, produzidas por um acidente: quando o móvel era praticamente novo, Tris-Trás, em um salto mal calculado, prestes a cair, se segurou com suas garrinhas no forro do sofá, que não era de tecido resistente (como o do sofá antigo, que havíamos acabado de substituir), mas de uma pele irmã da nossa pele. Tris-Trás, assustada, pulou imediatamente no chão e fugiu apavorada, aterrorizada por seu próprio fracasso (sua cauda parecia um espanador), e se refugiou no assento de uma das acolhedoras cadeiras que ficam embaixo do tabuleiro da mesa da sala de jantar, ali onde se acomodava durante as tempestades.

Tris-Trás nunca soube se as cinco pequenas feridas haviam causado dor ao sofá, mas a verdade é que a vítima não reagiu: talvez sua pele fosse muito dura, ou, quem sabe, fosse um animal muito lento que, quando tentou ficar em pé, não encontrou mais em seu campo visual o pequeno agressor involuntário.

O sofá ficou impávido, mas as cinco cicatrizes ainda estão lá, e são tratadas com carinho: limpamos o couro suavemente com um produto especial para que não se alastrem.

E agora que Tris-Trás partiu e suas garrinhas agudas desapareceram não sei onde — cinza que voltou à cinza, incinerada —, sou eu que sinto a dor dessas cinco feridas, pequenos estigmas lavrados por um ser que não existe mais.

Há seres luminosos, capazes de dar valor e sentido a coisas insignificantes. Por exemplo, um gato chega a nossa casa, e objetos que antes desprezávamos, que estivemos prestes a jogar fora porque não serviam para nada, adquirem utilidade, transformam-se em coisas valiosas, em pequenos tesouros.

Há muito tempo, lavamos aquele belo cachecol de *mohair* na máquina de lavar e, por engano, usamos um programa de lavagem inadequado. Nunca conseguimos entender por que, depois de colocá-lo para secar e constatar que fora danificado — estava completamente endurecido e, portanto, imprestável. Não o jogamos imediatamente fora; em vez disso, nós o guardamos com cuidado em uma gaveta do armário, mesmo sabendo que jamais voltaríamos a usá-lo. Passaram-se anos e, cada vez que arrumávamos o armário, pensávamos em

jogá-lo fora, mas alguma coisa nos detinha. E agora sabemos por quê: o cachecol inútil estava esperando por uma nova vida, por uma oportunidade de renascer. E essa vida nova chegou com o gato.

Não há nada mais agradável, quando se quer descansar no sofá em uma tarde de inverno, do que a companhia de um cachecol de mohair endurecido, denso, espesso, suave e, ao mesmo tempo, consistente e acolhedor. Corretamente dobrado, fica na medida exata para receber o corpo do gato, vergado sobre si mesmo na posição “frango assado”, também chamada de “feito um bolo”. O bolo peludo, o frango assado que usa casaco de pele, se encaixa no cachecol desprezado como se fosse uma bandeja de lã criada sob medida; para seu maior conforto, o gato primeiro o afofa levemente, ordenhando a lã enrijecida com suas garrinhas dianteiras, dá duas voltas sobre si mesmo e se aloja ostentosamente, dando-nos às costas. O cachecol sai de seu triste ostracismo e cumpre, enfim, a função para a qual fora criado, que não é — como havíamos acreditado erroneamente tempos atrás — a de aquecer nosso pescoço, mas, uma vez convenientemente inutilizado para esse uso, a de servir de abrigo para o gato. Agora o mundo está em sua devida ordem.

Objetos feios e inúteis também têm o direito de viver novos avatares que possam dignificá-los. Um exemplo: o horroroso bonequinho que nos deram certa vez em um restaurante chinês — cortesia da empresa para clientes fiéis. Eram duas bolinhas de material sintético imitando algodão, coladas uma à outra: em uma das bolinhas havia, também coladas grosseiramente, duas contas de vidro preto e recortes de cartolina que imitavam os olhos, o nariz, a boca e um chapéu; na bola inferior, três círculos de feltro mal colados no algodão sintético simulavam três botões de um casaco imaginário; o conjunto pretendia imitar um boneco de neve: era Natal.

Não jogamos o bonequinho fora assim que chegamos a casa por uma estranha mistura de consideração e temor supersticioso. Tratava-se de um presente de ano-novo, e jogá-lo fora seria desprezar os bons augúrios dos chineses do restaurante, atirar na lata de lixo o ano que começava. Acabou indo parar no fundo de uma gaveta.

Tris-Trás já vivia há tempos em nossa casa, quando encontramos, por acaso, o falso boneco de neve e o oferecemos a ela. Recebeu-o com imensa alegria, como se ao longo de toda sua vida tivesse desejado ter um bonequinho como aquele. Passou vários meses sem se afastar dele: tanto o caçava e o atirava ao ar — recuperando-o com um elegante pulo de tigre para então trucidá-lo com um golpe certo das patas traseiras —, como o cingia delicadamente com os dentes e o transportava ao refúgio cálido das almofadas do sofá, onde adormecia abraçada com ele. O bonequinho de neve aparecia em todos os lugares: no meio do corredor, deitado depois de ter sido assassinado sem verter uma gota de sangue; sob a mesa da sala de jantar, quando varriamos; obstruindo o tubo do aspirador que fora passado embaixo do sofá. Quando nos levantávamos à noite para ir ao banheiro no escuro, era raro não pisar em uma coisa suave e mole: o afortunado bonequinho, que sempre estava no meio do caminho, a ponto de parecer ser o centro de nossas vidas.

Depois de tanta atividade, a bola de algodão que imitava a cabeça e a que

representava o corpo redondo do boneco de neve acabaram se soltando, mas Tris-Trás não pareceu se importar: dava a mesma atenção aos dois despojos do boneco destroçado, como se, de repente, tivesse tido um par de gêmeos que embalava e caçava alternadamente.

O boneco de neve, aquele objeto infeliz e inútil, havia sido elevado por Tris-Trás à categoria de coisa importante e, em consequência, ocupou muitas horas de nossas vidas.

Outro exemplo: um fio. O fio amarelo que se desprendera da franja da borla de uma almofada; ou seja, o produto de um acidente. Um fio quase dourado, que se destacava no tapete de tons vermelhos, azuis e verde-escuros da sala. O fio que jazia imóvel no meio do tapete: uma coisa digna de ser caçada. E mais ainda quando eu segurei com as pontas dos meus dedos uma ponta do fiozinho, e, puxando suavemente, o fiz serpentear no chão. O fio adquiriu vida, uma coisa irresistível para uma caçadora nata como Tris-Trás, que se agachou, balançou a cabeça para frente e para trás em um movimento que servia para tomar medidas e calcular bem a distância para não falhar, e, então, com um impulso poderoso das patas traseiras, executou um salto elegante e caiu bem em cima do fio-pirilampo; aprisionou-o em suas garras, segurou-o com a boca, lançou-o um pouco mais além e voltou a colocar sobre ele uma das patas dianteiras, para evitar que escapasse. Mas o fio não se moveu; sem dúvida, já estava morto. Ela o caçara e me olhou com o orgulho do caçador que acaba de abater sua presa; depois, se revolveu pelo chão, com a vítima entre as garras, e, assim, deitada, estirou a coluna como quem estica um arco, desfrutando plenamente da indizível felicidade de possuir um fio.





Dois gatos

Arrancados bruscamente de seu habitat e atirados em um território desconhecido, talvez hostil, os gatos compreenderam que tinham de sair de sua clausura e procurar rapidamente um refúgio.

No habitat anterior, aquele que conheciam e dominavam, haviam levado meses para estabelecer os marcos de seu território. Esfregando o lombo onde fosse possível, foram deixando rastros da gordura e dos pelos de sua pele; escavaram em lugares macios para afotá-los e fazer uma cama que logo ficava agradavelmente impregnada pelo suor de suas almofadinhas. Escolheram também um lugar para fazer suas necessidades com cuidado, como de hábito, e enterrar os dejetos que, não obstante, não cessavam de lhes enviar sinais do cheiro de suas glândulas anais. Aquele lugar era seu e de mais ninguém, embora, generosamente, tolerassem a presença de outros seres vivos em seu território, com a única condição de que não lhes usurpassem o terreno nem as presas.

Aqui, entretanto, nada cheirava a eles, nada tinha suas marcas: não havia nem sinal da gordura de sua pele, nenhum odor familiar, nem podiam encontrar em nenhum lugar um pelo que lhes servisse de referência. Estavam no meio de lugar nenhum.

Mas tampouco podiam ficar ali, trancados, expostos a algum ataque vindo de fora ou, simplesmente, esperando que o cárcere se fechasse de novo, como já acontecera antes, privando-os, definitivamente, de sua liberdade. Precisavam sair.

E saíram com rapidez e cautela, esperando que ninguém se desse conta. As patas muito curtas, o pescoço longo e as orelhas atentas, quase desafiadoras, afastaram-se com um movimento rápido — mais parecido com o deslizar ou o fluxo de água derramada — em várias direções para, fazendo um trajeto curto e veloz, refugiar-se cada um em um lugar que parecia seguro e discreto. Ninguém poderia vê-los ali.

Passaram quase um dia imóveis, espreitando cada ruído. Lá fora, predadores imensos se moviam de um lado a outro. Procuravam, sem dúvida, alguma presa para devorar. Os gatos ouviam suas pisadas, sentiam seus movimentos sem vê-los, espiavam de seu esconderijo as sombras dos animais enormes, ouviam-nos revolver-se em buscas infrutíferas; até os ouviram comer. Mas as guaridas eram seguras, tocas muito pequenas para que pudesse se enfiar nela algum dos predadores, e seu interior de madeira era abrigado e cômodo e preservava um calor agradável. Sabiam que poderiam aguentar bastante tempo sem comer nem beber se se mantivessem assim, imóveis, reservando energias; portanto, tentaram relaxar e cochilar um pouco, sem perder, não obstante, essa qualidade do gato que lhe permite dormir e estar atento ao mesmo tempo: os olhos semicerrados, as orelhas eretas, prontas para captar qualquer som. Era apenas uma questão de não se mexer nem fazer nenhum ruído.

Anoiteceu, e os grandes predadores se retiraram para dormir. Os gatos, quando tiveram certeza de que os predadores dormiam — uma coisa que souberam porque de suas guaridas saíam uns sons que só fazem os grandes animais quando dormem —, atreveram-se a se assomar timidamente e, com passos aveludados, mudos, procuraram comida e água e aproveitaram para reconhecer um pouco aquela terra incógnita. O novo território era enorme, mas

não tão árido como temiam: por sorte, encontraram logo água e alguma coisa para comer. Depois, voltaram para suas guaridas seguras, dispostos a fazer tudo o que seus antepassados haviam feito desde o princípio: descansar de dia em um lugar abrigado e sair à noite para buscar água e comida. Haviam se dado conta de que os grandes predadores eram caçadores diurnos e, provavelmente, enxergavam muito mal à noite, o que lhes dava uma grande vantagem.

Na manhã seguinte, os grandes predadores acordaram, levantaram e começaram a procurar os gatos. Primeiro, esquadrinharam o entorno, procurando algum sinal de sua presença; depois, começaram a fazer barulho para tentar expulsá-los de suas guaridas, mas os gatos, sabiamente, permaneceram quietos, em silêncio. Então, os predadores começaram a revolver tudo, a levantar o que estava ao seu alcance e olhar embaixo, a fuçar nos lugares mais recônditos. Ao final, um dos predadores disse: “Tris está embaixo da mesa do canto, ao lado do aquecedor, e Trás se escondeu atrás da televisão”.

De seus refúgios seguros, agora inesperadamente descobertos, nos olharam com surpresa um par de olhos dourados e outro de cor azul-marinho.

Paciência, essa é a virtude que, de novo, nos ensinam esses dois gatos recém-chegados. Habitados ao imediato, queríamos ter tudo logo: a graça de seus movimentos, a suavidade de sua pele. Gostaríamos de poder pegá-los já, acariciá-los, embalá-los em nossos braços, fazê-los brincar com a bolinha colorida e com o fio de algodão em cuja extremidade há um ratinho de lã tão bem feito que parece de verdade. Mas eles impõem o ritmo de sua desconfiança inicial.

Qualquer passo em falso será um passo para trás e nossa precipitação poderá retardar a conquista de sua confiança por dias ou semanas. Por isso, temos de fingir que não os vemos, que não sabemos que estão aqui. Espiamos dissimuladamente os lugares em que eles, prudentes e receosos, foram se refugiar. Quando os localizamos, olhamos para eles como se não os vissemos — certamente, acham que são invisíveis quando se escondem atrás da cortina, através da qual transparecem, contra a luz da janela, as orelhas pontiagudas em uma cabecinha erguida sobre um pescoço exageradamente alongado; talvez pensem que, quando entardece, não enxergamos na penumbra da sala na qual ainda não foram acesas as lâmpadas a sombra negra que se acomoda em um canto. Sem dúvida, quando enfiam a cabeça embaixo do aquecedor, somos incapazes de ver o resto do corpo que sobressai: ancas de um branco nacarado, a curva do lombo semelhante ao início de um ponto de interrogação. Fingimos, portanto, que são invisíveis, e confiamos em que eles acreditem que o são.

Tampouco os ouvimos. Por exemplo: quando estávamos lendo sentados no sofá, não sentimos esses passinhos de borraça que deslizavam velozmente sobre o parquet, no trajeto inesperado de um esconderijo a outro. Nem essa noite ouvimos da cama em que parecíamos dormir uma corrida breve nem o som amortecido (plaf!) de um animal (não sabemos qual dos dois) aterrissando em suas patas dianteiras, desabando em algum lugar. Espreitamos seus sons fingindo indiferença e, na primeira vez em que os ouvimos comer na escuridão da noite, reprimimos o desejo de levantar e correr para checar se, de fato, alguém estava

comendo, como se a mastigação de pequenas bolinhas de ração felina fosse um som cotidiano a mais entre os muitos que povoam a madrugada — simplesmente, o ruído do motor de um carro passando pela rua; os passos do vizinho de cima que se levantou para ir ao banheiro; o som do jato da torneira; uma persiana madrugadora sendo levantada. Alguém come, mastigando conscienciosamente na escuridão as duras bolas de ração, e nós nos comportamos como se não soubéssemos que esse som só pode ser produzido pelos gatos, por algum dos dois gatos, ou talvez pelos dois ao mesmo tempo, pois talvez compartilhem, irmanados, a vasilha com sua comida. Adorariamos ter levantado para checar, mas continuamos quietos, aguçando o ouvido e fingindo dormir.

São eles que nos escolhem, que escolhem o momento. Nós simplesmente esperamos, fazendo-nos de desentendidos. Com o rabo do olho, vemos uma sombra preta verter-se de uma prateleira do móvel da sala e chegar ao chão. Como se não percebéssemos, espiamos discretamente os passos silenciosos de uma pequena pantera negra que explora com cuidado o corredor e, de repente, desaparece atrás de uma porta entreaberta que leva a um mundo novo (nosso dormitório). É Trás, que, enfim, decidiu abandonar seu esconderijo atrás da televisão e se aventura a reconhecer um território incógnito, mas com extremo cuidado, com as patas encolhidas e os sentidos atentos, incapaz de resistir à sua curiosidade felina — felinos não conseguem viver em um lugar antes de o explorarem conscienciosamente —, mas agindo como se soubesse que a curiosidade matou o gato.

Ao cair da noite, os gatos adquirem confiança e começam a sair. O primeiro a se aventurar, embora timidamente, é Tris, sempre mais ousado. De detrás da cesta de papel que fica embaixo da mesa do escritório, no espaço escuro entre a cortina e a parede, emerge um corpo elástico e longo, atlético, como o da deusa Bastet das esculturas egípcias; só que não é uma deusa, mas um deus nacarado, totalmente branco, sem um único pelo colorido em todo seu corpo. Agora, na penumbra da casa mal iluminada por focos de luz indireta, parece ligeiramente fosforescente.

De repente, aos passos de Tris se une, com um trotezinho apressado, uma sombra inteiramente negra, brilhante, redonda, com pernas um pouco curtas (as patinhas, naturalmente, são desproporcionais em relação ao corpinho, arredondadas, bem femininas).

Aí estão os dois: um *yin-yang* semovente, preto e branco (ou branco e preto, se seguirmos a ordem de entrada em cena), masculino e feminino, um símbolo da harmonia que desliza com cuidado pelo tapete da sala. Por fim, os vemos juntos desde que saíram pela primeira vez, assustados, das caixas de transporte e foram se refugiar cada um em um esconderijo diferente, seguindo a sábia estratégia intuitiva dos animais em fuga: separar-se para desconcertar o inimigo; oferecer duas presas que escapam em direções opostas, cada uma dando a si mesma e à outra mais possibilidades de sobreviver.

Agora, já parecem suficientemente seguros para se exibirem um ao lado do outro, e nós agradecemos esse gesto como se nos apresentassem sua confiança.

O dia não pode existir sem a noite, nem a noite sem o dia.

Beber é uma atividade necessária, mas perigosa. Quando a tarde cai, o sol começa a se pôr e o calor do dia amaina; das suaves sombras azuladas começam a emergir corpos que, cuidadosamente, quase se arrastando, aproximam-se da margem do rio e começam a beber. Os grandes carnívoros predadores, que também vieram beber, espreitam semiocultos no meio dos pastos e dos matagais das cercanias das margens — eles não têm apenas sede, mas também fome. Atrás do chapinhar das línguas na água se pressente um mundo de leves rangidos, de patas que caminham com cuidado, procurando não ser ouvidas.

Alguns animais se escudam no grupo para se sentir mais seguros e bebem em manada; apostam, assim, com a estatística da vida e da morte: se um predador cair sobre eles, só morrerá um indivíduo e o resto da manada conseguirá fugir. Outros, solitários, bebem apressadamente, levantando de vez em quando a cabeça para avaliar o perigo aguçando as orelhas (enquanto bebem, o próprio som de suas línguas levando a água à boca em carnosas colheradas os impede de ouvir o caçador que se aproxima). Todos têm ânsia de saciar sua sede (é a única vez em que bebem ao longo do dia abrasador) e pressa para se afastar da margem perigosa em torno da qual se movimentam sombras ameaçadoras, enquanto a noite começa a cair.

Assim é beber na Natureza, e nossos gatos — esses desconhecidos que ainda estão avaliando o território incógnito do nosso pequeno apartamento — reproduzem no espaço urbano os mesmos padrões de comportamento: jamais bebem quando estamos olhando; esperam para beber à noite, quando estamos ausentes, mergulhados no sono. E quando, por acidente, entramos no banheiro quando um dos gatos está bebendo na cuia de porcelana cuja água renovamos a cada dia, o animal levanta a cabeça e foge, apavorado. Não se refugiam em um canto onde nós, os predadores, poderíamos aprisioná-los: tentam fugir para um lugar aberto, às vezes passando, como duendes, no meio de nossas pernas. Seus corpos elásticos, felinos, escapam pelo corredor e os perdemos de vista.

Só muitas semanas depois, quando, por fim, estiverem convencidos de que nós também somos gatos e não — como parecia — grandes carnívoros, serão capazes de beber tranquilamente em nossa presença, dando-nos as costas.

Uma tarefa imensa, era isso o que os esperava. Não podiam ficar tranquilos antes que todo o território estivesse minuciosamente explorado e assinalado com suas marcas; um novo território a colonizar, repleto de surpresas. Um território que às vezes parecia se ampliar. Quando, cautelosa e conscienciosamente, já acreditavam que haviam examinado por completo um aposento, abria-se uma porta inesperada que dava a outro aposento do mesmo tamanho ou maior, um território virgem do qual ninguém ainda fizera um mapa de cheiros, de marcas de gordura e de pelos.

Aplicavam-se, incessantemente, em esfregar o lombo em todos os lugares, impregnando cada um dos objetos com seu odor, perceptível apenas para eles mesmos. Farejavam cada canto, cada esquina, cada batente, cada pé de mesa ou de cadeira, e depois arqueavam o lombo e o esfregavam criando um novo marco: objeto marcado. E assim foram marcando tudo, não apenas as coisas firmemente assentadas no solo, mas também os objetos frágeis e instáveis: os vasos oscilavam levemente, ameaçando cair, quando recebiam a carícia fugaz

de um lombo de pelo branco ou preto. Ainda por cima, havia na casa centenas, talvez milhares, de objetos, e nenhum fora marcado. Os computadores, o material de escritório, o estojo dos óculos, a moldura de um quadro ou de uma fotografia, os livros que deixávamos sobre a mesa apareciam no dia seguinte levemente deslocados de seu lugar. A televisão avançou alguns centímetros, até chegar à beira da prateleira: havia sido marcada por trás por dois corpos atléticos que agiam coordenadamente em seu trabalho de estabelecer as novas fronteiras da casa.

Conquistaram também as alturas: plantaram-se de um salto em cima da mesa, em um movimento quase suicida, porque não sabiam o que iam encontrar lá em cima (da altura de um gato não se vê o que há sobre o tabuleiro de uma mesa, que percebem mais como um dossel e não como uma plataforma firme onde é possível subir). Com pulinhos escalonados, chegaram ao cume da estante da sala, aproveitando desníveis imperceptíveis, pequenos pontos de apoio, em escalada livre; de lá de cima dominavam bem o conjunto do território, mas o problema era descer: um corpo totalmente branco, nacarado, serpenteia de cabeça para baixo de prateleira em prateleira, até que se atira, em um salto final, no chão. “Plof!”, e até nós percebemos a expressão de desagrado que os gatos adotam quando aterrissam de repente, abusando da flexibilidade das articulações de suas patas dianteiras.

Mas a tarefa parecia não ter fim. Quando menos esperavam, novos mundos apareciam dentro do mundo já demarcado: um armário se abria e tinham de se enfiar nele com um salto, sub-repticiamente, (por algum motivo, os seres humanos nem sempre se mostram cooperativos com esses exercícios, fundamentais, de exploração e demarcação do território), arriscando-se a ficar trancados por um descuido qualquer; mas era necessário seguir em frente, era necessário examinar as toalhas limpas bem dobradas e empilhadas, as caixas de sapatos e seus odores variados e interessantes, trepar depressa pelos ternos pendurados e acomodar-se nos suéteres de lã, deixando-os cheios de pelos brancos, de pelos negros, que, misturados, davam um toque cinza ao *mohair* e ao *shetland* de cores vivas.

Depois descobriram que os armários também tinham gavetas, nas quais era imprescindível penetrar, correndo riscos, sem saber o que iam encontrar lá dentro. E, uma vez examinado seu interior — dois pequenos lêmures, um branco e outro preto, se empinavam sobre suas patas traseiras, esticando muito o pescoço —, não havia outro remédio a não ser saltar para dentro e pisotear os objetos ali contidos, amassando-os, se fosse possível, com as garras dianteiras, para deixar a marca do cheiro das almofadinhas: mais um marco, mais um território conquistado.

Era um trabalho esgotante, ao qual dedicaram todo o tempo que passaram acordados durante as primeiras semanas.

Até nós fomos marcados. Fingindo que nos acariciavam, esfregaram seus costados peludos inúmeras vezes nas pernas de nossas calças. Conseguiram que confundíssemos aquele gesto, que equivalia a lavrar ata de suas posses, com uma demonstração de carinho — e nós, felizes, nos agachamos para acariciá-los: e assim deixaram também marcadas as nossas mãos, os nossos braços. Quando

viemos a nos dar conta, tínhamos um rabo peludo — branco ou preto — esfregando-se entusiasmado em nosso rosto: já estávamos assinalados como seus até as sobranceiras. Em poucos dias, haviam se apropriado da casa e de tudo o que ela continha, inclusive de nós mesmos. E nós, encantados, chegamos à conclusão de que aqui, naquele que até então considerávamos nosso território, eles podiam ser felizes.

Todo esse trabalho de demarcação requeria uma estratégia. Não se conquista um território desconhecido na sorte, sem nenhum sistema.

Uma estratégia ou, dizendo melhor, duas estratégias combinadas, porque cada gato parecia ter seu próprio método de conquista do território.

Tris, o Valentão, se lançava à conquista do desconhecido como um relâmpago branco, arriscando o corpo. Era o primeiro a se precipitar pela fresta da porta entreaberta que dava ao mundo inexplorado de um aposento no qual ainda não havia entrado. Saltava do chão às mesas sem olhar, que é como quem salta do sopé de uma montanha ao cume sem saber se ali há uma meseta, um pico, a cratera de um vulcão ou um mar de areias movediças. Metia-se sem hesitar em todos os cantos e, com um salto quase invisível, se enfiava em todos os armários.

Trás, a Cautelosa, observava atentamente os movimentos do Valentão sem se levantar da almofada em que estava alojada. Esquadrinhava o horizonte do sofá sem se mexer, ficava emboscada atrás da planta decorativa da sala ou ia se refugiar no assento de uma das cadeiras da sala de jantar, bem protegida debaixo do tabuleiro da mesa: uma guarida perfeita da qual podia observar sem ser vista, porque é óbvio que ninguém sabia que ela estava ali. Quando a olhávamos, ela desviava a vista ou fingia cochilar (quando você não olha, não é visto).

Depois se aventurava pelo terreno previamente tateado por Tris, seguindo seus passos quando constatava que não havia nenhum perigo. Mas também avançava sozinha pelos territórios que estivera espreitando minuciosamente de algum dos esconderijos. Por isso, às vezes, a encontrávamos no lugar mais inesperado: quando não estávamos olhando, deslizava com passos suaves, sem fazer barulho, até o lugar que queria descobrir por si mesma, e começava a examiná-lo palmo a palmo, sossegadamente.

Os lugares que eram objeto de exploração também pareciam ser distintos. Como dois estrategistas bem organizados, dividiam o território para examiná-lo, cada um conforme suas possibilidades e recursos.

Tris parecia ser o encarregado de conquistar os lugares elevados: a superfície das mesas, das prateleiras e a parte superior dos gaveteiros dos armários; esquadrinhava até os dintéis das portas e a moldura superior das janelas, como se estivesse considerando as possibilidades de conquista.

Trás rastreava sobretudo os cantos e os esconderijos das partes baixas. Descobriu com alegria que atrás de cada uma das portas havia um espaço entre a folha e a parede: um buraco perfeito onde um, dois ou até mais gatos poderiam se enfiar e ficar completamente invisíveis; além disso, no batente da porta, ali onde ficam as dobradiças, havia uma pequena ranhura aberta que servia de postigo: era a guarida ideal.

As plantas da sala costumam ficar em vasos que às vezes são tão grandes que

um gato pode se emboscar perfeitamente atrás deles, assomando apenas, no meio de uma selva de folha de ficus ou de dracena, uma cabecinha negra que parece recortada em cartolina.

E, sobretudo, havia os banheiros, deliciosamente frescos e cheios de meandros. Trás descobriu um esconderijo atrás de cada privada; e quando a divisória da banheira ficava, por azar, entreaberta, tinha a alternativa de se enfiar em um mundo acetinado e cálido (embora um pouco úmido, mas isso não parecia importá-la), no qual era impossível ser vista. Descobrimos que o banheiro havia sido explorado por causa dos rastros de almofadinhas molhadas que marcaram no parquete o itinerário seguido na volta da expedição, da banheira até a poltrona mais confortável da sala de estar.

Os sistemas exploratórios eram, por outro lado, perfeitamente compatíveis com a morfologia de cada gato.

Tris, espigado e elástico, era perfeito para examinar as alturas. Durante as primeiras semanas, a postura em que o víamos com mais frequência era a do lêmure: de pé sobre suas patas traseiras (os músculos delgados esticados ao máximo, as patinhas dianteiras levemente apoiadas em alguma superfície vertical); o corpo erguido atingindo a longitude máxima; o pescoço inacreditavelmente alongado; e as orelhas atentas, em uma extensão exploratória prévia para tomar impulso e subir em qualquer lugar com um salto gracioso que parecia não ter peso, um salto que invejávamos e que fazia com que nos sentíssemos um pouco humilhados: nós, pobres animais atrofiados, nunca poderíamos fazer nada semelhante.

Trás, por sua vez, era uma bolinha preta de couro. Parecia rodar pelo chão como uma borla de pelo sedoso e brilhante. Nem a ouvíamos nem a víamos quando deslizava silenciosamente sob os pés das cadeiras e das mesas, às vezes no meio de nossas próprias pernas. De repente, a encontrávamos espreitando de um lugar, escondida atrás de uma porta ou solenemente apostada em uma almofada ou em cima de uma prateleira (sempre a mais baixa) da estante de livros. Nunca entendíamos como chegara ali.

É melhor ter dois gatos em casa do que ter um. Constatamos isso quando — agora que já ganharam confiança e não nos temem nem nos evitam — saem juntos, quase ao mesmo tempo, de algum esconderijo e os vemos andar em uníssono na mesma direção, espelhando um ao outro (branco ao lado do preto, preto ao lado do branco, como se se refletissem em um espelho que tivesse a capacidade de refletir as imagens em negativo). Sentimos, então, a leve inquietude de quem tem a impressão de estar vendo em dobro.

Às vezes, aparecem majestosos e indolentes, e, na metade do caminho, a majestade desaparece subitamente e se transforma em um espetáculo um tanto cômico: os gatos simétricos, de andar ligeiramente sinuoso e serpenteante, desviam inadvertidamente suas respectivas trajetórias, andando cada um no sentido equivocado, e acabam confluindo e se chocando. Acabou a solenidade: a parcimoniosa comitiva, cujos componentes têm um grande senso do ridículo, se dissolve; cada gato trota em uma direção distinta e vão se refugiar, um pouco humilhados, cada um embaixo de um móvel diferente.

Há, também, brincadeiras das quais não podemos participar. As correrias

noturnas que ouvimos vagamente do outro lado da porta do nosso quarto, que fechamos quando vamos dormir; o “plof!” de umas almofadinhas aterrissando no chão não sabemos de que altura; uma corridinha ligeira sobre o parquete, seguida de um pequeno trote um pouco mais pesado, e de repente patas cheias de unhas derrapando sobre o solo de madeira; uma porta corrediça que desliza no silêncio da noite enquanto pensamos, cochilando: “esses bichos voltaram a abrir o armário do quarto de hóspedes”, e tentamos não despertar tratando de lembrar que peça delicada e cálida estarão amaciando agora com suas patinhas peludas das quais, quando é necessário, emergem unhas que parecem navalhas.

É melhor ter dois gatos em casa do que ter um. Um gato ou brinca conosco ou brinca sozinho, ensimesmado em alguma atividade cinegética (caçar uma bolinha de papel ou um fio, descobrir embaixo de uma cadeira o botão que caiu da nossa camisa e transformá-lo em uma presa que corre por toda a casa). Mas dois gatos brincam com eles mesmos, lutam, se divertem e se aborrecem, se evitam e se procuram, em uma relação da qual nós só podemos ser espectadores: jamais seremos capazes de esticar um palmo de língua para lambe Trás, como Tris faz quando os dois se alisam mutuamente ao sol invernal que entra pela janela do escritório; Tris lambe com energia, depressa, compulsivamente, o lombo, o rostinho e as orelhas de Trás, e ela, por sua vez, o lambe de forma minuciosa e lenta, mais sistemática e suave, uma maneira de lambe que poderíamos chamar de artesanal. Abraçados um ao outro em uma massa alvinegra, formam uma figura circular, uma bola de pelo bicolor na qual é difícil distinguir que são dois animais; então, mais do que nunca, são a imagem do *yin* e do *yang*.

Todos os gatos padecem de uma enfermidade congênita chamada *cálculos mentais*. Embora benigna, trata-se de uma doença crônica. Alguns especialistas hesitam em considerá-la uma patologia e a atribuem a uma mutação genética espontânea, própria da espécie, sem caráter patológico, que até pode ter favorecido a sobrevivência desses animais.

Os cálculos mentais se caracterizam pela tendência de as ideias do gato se cristalizarem, formando no cérebro pequenos cálculos de extraordinária dureza. Assim como outros materiais biológicos, como a madeira ou os excrementos, podem chegar a se fossilizar com o passar do tempo, transformando-se, respectivamente, em madeira fóssil ou nos chamados coprólitos (que não são nada além de merda fossilizada ao longo de milhares de anos), as ideias do gato também tendem a se fossilizar, transformando-se em pequenas pedrinhas muito duras, de superfície muito polida, que costumam durar tanto quanto a vida do gato, pois nunca se dissolvem de forma espontânea e são avessas ao tratamento. A única coisa que se pode fazer é, às vezes, substituir um desses cálculos por outros, que costumam ser maiores e mais duros do que os anteriores.

A diferença entre o processo de fossilização da madeira ou do cocô e o endurecimento das ideias na mente do gato é que este último processo é produzido a uma velocidade espantosa e costuma ser provocado pela repetição de um mesmo ato. Podem bastar duas ou três repetições para que uma ideia se fossilize no cérebro dos gatos, transformando-se em um cálculo mental quase impossível de ser eliminado.

Apresentaremos a seguir alguns exemplos que podem ilustrar o processo de formação dos cálculos mentais do gato. Imaginemos que você, um dia, ao acordar de manhã, encontra o gato deitado no meio do sofá e lhe ocorre acariciá-lo energicamente no lombo e na barriga, enquanto profere palavras carinhosas. Se fizer isso uma única vez, o risco de que essa ação crie uma pedrinha na mente do gato é mínimo; mas se você repetir essa mesma ação duas ou três vezes seguidas, em dias sucessivos, a cristalização da ideia “quando ele se levantar, tenho que deitar no sofá para receber suas carícias” é quase inevitável. Se essa ação for acompanhada por outras, como a de levantar as persianas para que entre a luz do dia, a associação das duas ações produzirá um cálculo mental maior e mais duro. De qualquer forma, você pode estar gripado, pode ser domingo (dia em que, em geral, os seres humanos se levantam mais tarde) ou pode estar agonizando em seu leito de morte, que, indefectivelmente, o gato solicitará, com miados exigentes, seu direito de que as persianas sejam levantadas e seu lombo seja energicamente acariciado, sempre na mesma hora do dia. Isso se deve ao fato de que a ideia dos atos associados se fossilizou em um seixo mental. Ademais, nesse caso concreto, ao associar as ações realizadas a determinada hora do dia, o cálculo mental pode ser benéfico para a manutenção dos ritmos circadianos do seu gato.

Outro exemplo poderia ser o das portas. Se uma porta fica habitualmente aberta, cria-se no cérebro do gato um pequeno cálculo mental que fará com que, se um dia, por casualidade ou por necessidade, a porta estiver fechada, o gato exija que ela seja aberta não apenas com miados, mas arranhando o batente ou dando saltos elásticos para alcançar a maçaneta e tentar abri-la (coisa que alguns gatos conseguem fazer).

Alguns cálculos mentais são associados à comida, o que levou alguns especialistas a reforçarem a teoria de que não se trata, realmente, de uma patologia, mas sim de uma mutação genética positiva para a sobrevivência (nos referimos à sobrevivência do gato; não foi demonstrado que tenham os mesmos efeitos benéficos para a sobrevivência das pessoas que convivem com ele). Um exemplo: se seu gato está habituado a comer ração seca em uma vasilha de plástico e um dia você lhe serve comida enlatada em um pratinho de louça, é possível que surja, imediatamente, um cálculo mental, sem que seja necessária sequer a repetição do mesmo ato. Basta fazer isso uma vez para que, a partir desse momento, sempre que você usar uma peça de louça (prato, copo, vasilha) e produzir acidentalmente um ruído com ela, o gato reaja rapidamente e reivindique, aos berros, comida enlatada, a qual ele apreciava mais que ração.

Por outro lado, a existência de cálculos mentais não afeta a vida nem a saúde geral do gato, pelo contrário: observou-se que gatos pouco inteligentes ou *border line*^[1] (que também existem) produzem menos cálculos mentais do que gatos normais ou muito inteligentes. Em geral, os gatos parecem viver muito felizes com suas ideias petrificadas intactas, e até poderíamos dizer que têm orgulho disso.

Para evitar a formação de cálculos mentais, procuramos alterar nossos hábitos, fugir da rotina sempre que possível. As portas estarão algumas vezes

abertas e outras fechadas. Não existem aposentos acessíveis ou inacessíveis, mas momentos, distribuídos sem ordem ao longo dos dias; às vezes, é possível entrar em um lugar e outras vezes não. Evitamos fazer sempre a mesma coisa na mesma hora. Distribuímos carícias ou compartilhamos brincadeiras com os animais em horas intempestivas, arbitrárias. Queremos evitar, assim, a formação do cálculo mental *agora é hora de brincar*, porque sabemos que determinar uma hora para as brincadeiras é assinar um contrato que vigorará pelo resto da vida; os gatos exigirão que cumpramos suas cláusulas no mesmo instante em que deixarmos de cumpri-las; como credores tirânicos, eles não terão piedade de nós se os habituarmos a alguma coisa concreta e não pudermos, um dia, atender a esse hábito, transformado em obrigação. Por isso, alteramos sutilmente nossos ritmos, para que os gatos não nos acoerrentem a eles. Constatamos, de passagem, como nossa vida é rotineira e que nós mesmos somos animais cheios de hábitos. É difícil fazer as coisas cada vez de uma maneira, porque, acomodados em nossas rotinas, estamos habituados a agir de forma mecânica.

Dessa forma, graças aos gatos e tentando evitar sua pequena tirania, redescobrimos um pouco nossa própria vida. Percebemos que coisas iguais podem ser feitas de maneiras diferentes. Inventamos novas formas de agir. Depois de um tempo, substituímos as velhas rotinas por outras novas, tão interiorizadas e mecânicas quanto as anteriores. Mas, embora não possamos evitar repetir todos os dias os mesmos gestos, os mesmos horários, os mesmos hábitos, agora temos mais consciência disso. Mudamos algumas coisas, mantemos outras, condescendemos com a formação inevitável de alguns cálculos mentais nas cabecinhas teimosas desses animais maníacos. E, aos poucos, vamos tecendo com eles um pacto de convivência no qual as normas nem sempre são impostas por nós.

Assim, vamos aprendendo a dar atenção a pequenos detalhes. Por exemplo: deixar sempre a porta entreaberta para que os gatos possam entrar no banheiro onde está sua vasilha, seu bebedouro e a caixa de areia. Mas também a outras pequenas coisas, não tão imprescindíveis. Foi assim que percebemos que Trás não gosta de fazer a posição do frango assado em cima da almofada verde, a que tem em volta dela uma sanefa amarela que imita folhas de acanto um pouco inverossímeis; quando está na almofada verde e bege, a gata preta evoca, vagamente, a maneira como, nas ilustrações dos contos de fada de nossa infância, os pajens apresentavam as joias aos reis e aos príncipes: a coroa de ouro, o cetro, o colar de pérolas ou o anel de diamante descansavam em uma almofada macia de uma cor que ressaltava seu brilho. Assim descansa Trás, milimetricamente deitada no centro da almofada, a pele preta brilhante, estática e solene, como se estivesse pronta para ser oferecida como uma joia, um presente valioso. E nós, quando vemos que a almofada foi colocada em pé, apoiada no respaldo do sofá, modificamos ligeiramente sua posição e a colocamos deitada no assento, de maneira que perde sua condição de objeto para o uso humano e se transforma em um tatame preparado para horas de meditação felina. Fazemos isso simplesmente para satisfazer Trás se ela, majestática e fingindo não nos dar importância, decidir sair do esconderijo em que estiver e aparecer por fim na sala. Damos, assim, nossa contribuição ao seu

pequeno prazer de se acomodar em seu lugar preferido, não agora, mas quando lhe ocorrer procurá-lo. Sem pressa. Ficamos mais delicados, mais atenciosos, menos centrados em nós mesmos e atentos às pequenas necessidades ou, nem sequer isso, aos pequenos desejos de um ser também pequeno, que queremos agradar em troca de nada — em troca, simplesmente, de sua presença.

Dessa maneira, os gatos nos educam, nos habituam a pensar nesses detalhes ínfimos nos quais antes não reparávamos, a nos preocupar com o conforto dos outros, com fazer ou não fazer não pensando apenas no imediato, nem nas nossas próprias necessidades, mas em um luxo supérfluo, o de fazer com que o animal se sinta confortável quando ele quiser.

Aos poucos, podemos ir aprendendo a agir da mesma maneira com os seres humanos, nos quais antes mal reparávamos. Uma vez adquirido, graças aos gatos, o hábito de pensar nos outros, de lhes facilitar as coisas, de lhes oferecer generosamente as comodidades que ainda não nos pediram, podemos acabar nos antecipando aos desejos e às necessidades daqueles que nos cercam. E, assim como colocamos a almofada em posição horizontal para maior comodidade de Trás, recolhemos espontaneamente nossos pertences para deixar livre o assento contíguo no metrô ou no ônibus; prevemos que aquela senhora que está com um carrinho de bebê talvez precise de ajuda para descer a escada; ou levamos a xícara do café da manhã ao balcão da lanchonete para que o único garçom não tenha de abandoná-lo para arrumar a mesa que acabamos de ocupar. Dessa maneira, sem quase se incomodar, passivamente, os gatos vão nos recordando a mais elementar regra de cortesia: pensar em pequenas coisas que podem tornar a vida mais fácil.

É melhor ter dois gatos em casa do que ter um, porque a melhor companhia para um animal é a de outro animal, e não a nossa. Nós, carcomidos por nossa própria racionalidade, esquecemos que somos animais e não sabemos mais nos comportar como tais, com essa naturalidade despreocupada, com essa confiança na vida que os animais exibem.

A melhor companhia para um animal é a de outro animal da mesma espécie: só entre eles é possível estabelecer laços de companheirismo, impossíveis de criar com os seres humanos.

Um exemplo: Trás está comodamente deitada em sua almofada preferida, praticando a posição do frango assado; com os olhos semiabertos, cochila placidamente. E Tris, intrometido, se aproxima por trás e começa a importuná-la suavemente: coloca sua pata sobre as ancas de Trás, começa a lambe seu lombo e morder seu pescoço até que Trás, que hoje não está com vontade de brincar, mas de ficar tranquila, desliza da almofada — quase seria possível dizer que se verte, tão fluida e cuidadosa é sua forma de se soltar — e vai se refugiar em outro aposento da sala. Tris, então, sobe na almofada recém-abandonada, cheira-a, e, com a boca entreaberta, como os gatos fazem quando querem aguçar o olfato, inala ou quase saboreia o cheiro deixado ali por sua companheira, um cheiro que eu não percebo.

Outras vezes, é Trás que cheira atentamente Tris, passando seu narizinho achatado pelo focinho ou pelas glândulas perianais do macho castrado, ali onde está seu cheiro mais próprio, peculiar. Nós estamos excluídos desse intercâmbio

de odores, um diálogo mudo, desse prazer de aspirar o aroma que achamos acre de suas partes mais íntimas: jamais nos ocorreria uma coisa tão anti-higiénica e, mesmo que tentássemos, não teríamos nenhum prazer, apenas uma sensação de asco que eles ignoram. Há relações que só os animais podem ter entre si e a nós só resta observá-los, como espectadores mudos e discretos, abstendo-nos de intervir para não reprimir atitudes que para eles são cheias de significado.

Nesse lugar, Trás é invisível. Atrás do móvel do equipamento de som da sala há um pequeno espaço no qual os gatos desaparecem da vista dos humanos. Trás se refugia ali de vez em quando; senta-se, apoiando-se nas patas traseiras, com o torso ereto e os olhos arregalados e olha para a gente, sabendo que nós, embora a olhemos, não podemos vê-la. Ela está convencida de que seus olhinhos dourados, que brilham como botões de âmbar na penumbra do canto, são imperceptíveis para nós. Embora pusemos nossa vista sobre ela, tampouco podemos ver as duas patinhas dianteiras juntas, nem as orelhas pretas, eretas, que escutam sem perder nenhum detalhe: a postura de uma menina aplicada, atenta, em silêncio. Trás se sente segura nesse lugar, nos observa sem tirar os olhos da gente, e nós, delicadamente, procuramos manter essa mentira piedosa e evitamos olhá-la diretamente. Nossa vista faz uma varredura de sua silhueta, fingindo não vê-la, e, caso possa nos entender, perguntamos aos berros: “Onde está Trás? Faz tempo que não a vejo...”.

Em um *petshop* vi umas asas de veludo cor-de-rosa. Estavam presas em um arnês em uma vitrine cheia de roupas para cães: havia jeans para cães, uniformes colegiais para cachorrinhos e cadelinhas (o delas, com saia plissada), agasalhos e casacos quadriculados, impermeáveis, que imitavam os antigos de látex, com gorro combinando.

Os agasalhos e os impermeáveis, embora bastante ridículos, podem ter uma utilidade: abrigar o animal, protegê-lo da chuva. Mas qual é o sentido de passear pelas ruas com um cachorro alado? As asas cor-de-rosa para cães (suponho que para uma cadelinha mimada) são uma humilhação desnecessária que um gato jamais aceitaria.

Ainda recordo aquela vez em que quisemos colocar em Tris-Trás uma coisa tão simples como um colar. Era um colar um pouco brega ou fútil, sem dúvida: de tecido preto felpudo, salpicado de gotinhas de *strass* que imitavam diamantes. Embora, sem dúvida, Tris-Trás não pudesse avaliar a cafonice estética nem entender a alusão implícita à frase que diz que os diamantes são os melhores amigos das garotas, rejeitou-o imediatamente.

Foi muito difícil e precisei de ajuda para colocá-lo, porque Tris-Trás, em outras coisas tão dócil, se debatia nos meus braços sem violência, mas com extrema habilidade, tentando se safar. Por fim conseguimos colocá-lo, e então a gata deslizou para o chão e, com toda naturalidade, agachou a testa, pegou o colar com as duas patas dianteiras e o tirou tranquilamente pela cabeça em menos de um segundo.

Nossa absurda tentativa de adorno de um animal que já era bonito por si mesmo e não precisava de enfeites ficou abandonada no meio do assoalho da sala, deixando patente o que era: um objeto inútil.

Tris-Trás se recolheu, aborrecida, em um de seus refúgios favoritos — o

assento de uma das cadeiras da sala de jantar — sob o dossel protetor do tabuleiro da mesa. Ficou ali durante horas, sem se deixar ver, como uma rainha ofendida, em uma muda proclamação que, traduzida para a linguagem humana, queria dizer: “Mais respeito. Sou um animal, não uma Barbie”.

E assim passeiam os gatos pela nossa vida, nus, orgulhosos da nudez de seus corpos elásticos e musculosos sob a pelugem espessa.

Pelas características do aparelho vocal, distinguem-se duas subespécies de gato: os sonoros e os silenciosos.

Os gatos sonoros — chamados também de miadores, *pimporrantes* e até de *puericantores*^[2] peludos emitem uma grande variedade de sons de distintos volume, intensidade e longitude. Parecem ter uma linguagem própria, que só usam para se comunicar com os seres humanos, pois quando se comunicam com outros gatos emitem uns sons (bufos, gritinhos e coisas assim) completamente diferentes dos que emitem quando tentam se relacionar com humanos; provavelmente, isso se deve ao fato de que o gato tenta falar o idioma humano, com pouco êxito articulatório, mas de forma efetiva no que se refere aos resultados que provoca. Porque, de fato, o gato *puericantor* é capaz de produzir miados desarticulados, mas de grande eficiência comunicativa.

Em nosso pequeno mundo, Trás é uma gata silenciosa, que se movimenta com cuidado, e quando mia, o faz levemente, com uma pequena lamúria desmaiada, longa e mimosa, como se seu corpo gordinho tivesse começado a murchar. Tris, por sua vez, usa, quando quer se comunicar, uma grande variedade de registros, que vão desde o grito peremptório até o miado queixoso; algumas dessas vozes se parecem inquietantemente com o gemido de um recém-nascido.

O problema é que tendemos a humanizá-los. Sem perceber, falamos com eles usando o mesmo tom que usamos para nos dirigir aos bebês: a entonação e as palavras que usamos para nos comunicar com quem ainda não possui o domínio da linguagem, mas que supomos ser capaz de distinguir o sentido da mensagem pelo tom e pelo volume de nossa voz. Conversamos com eles, carinhosos, ou lhes damos ordens energicamente. Temos a impressão de que conseguimos que nos entendam (outra coisa, completamente distinta, é que nos ouçam, e não podemos dizer que nos obedeçam).

Por fim, os gatos acabam tentando falar nosso idioma. Usam para se comunicar conosco, para pedir ou exigir, uns miados que, se prestarmos bem atenção, veremos que não usam jamais para se comunicar entre eles. Mas sabem imitar de maneira inquietante o choro de uma criança, e por isso os miados dos gatos, quando são insistentes, nos causam um extremo desassossego, sobretudo às mulheres: nosso instinto maternal, de proteger as crias, é ativado diante do lamento de um gatinho insistente e tirânico, que achamos, erroneamente, desvalido, convencidos de que os animais dependem da gente (é claro que dependem para algumas coisas: nós limitamos o espaço pelo qual se movimentam, seu acesso à comida e à bebida). Diante desses miados, tão semelhantes ao choro de uma cria humana, acabamos por claudicar e conceder-lhes o que nos exigem com seus alaridos lastimosos.

Alguns seres humanos, patologicamente, chegam a simular uma relação familiar espúria com os animais domésticos; chamam a si mesmos de “papai” ou “mamãe” de um gato, de um cachorro, de um canário ou de uma iguana. Eu sou a “mamãe” desses dois seres pequenos e hirsutos que pululam pela casa, que se enfiam nos armários, que sobem de um salto das prateleiras e emergem inesperadamente de cada canto; onde não os havíamos visto se meter? Mas são dois gatos!

Não são crianças, não são bebês. São seres adultos e, como tais, capazes de se virar sozinhos e dotados, às vezes, de uma sabedoria para a vida que nós não temos. Por isso, quando ficamos muito chatos com nossos mimos, eles ameaçam uma pequena unhada que nunca chega a tirar sangue, mas coloca limites e exige respeito; é sua maneira de dizer “não sou um brinquedo, não sou sua cria; sou um adulto de outra espécie”.

Tris e Trás gostam muito de trabalhar, e por isso hoje foi um grande dia: fiquei fazendo tarefas domésticas, inclusive um transplante de plantas de um vaso menor para outro maior.

É verdade que, por suas características anatômicas, os gatos não estão preparados para fazer esse tipo de trabalho caseiro, mas, dentro de suas limitações, procuram ajudar em tudo o que podem.

Por exemplo, a abertura dos pacotes de nutrientes para plantas externas e internas e de húmus foi saudada com grande entusiasmo. Tris e Trás perceberam imediatamente que de dentro deles saíam odores muito interessantes e contribuíram para distribuí-los primeiro esfregando-se, ambos, alternadamente mas com insistência, nos pacotes recém-abertos. Depois, enquanto eu fazia o transplante, colaboraram espalhando a terra, com seus apetitosos aromas de campo, pelo chão da cozinha, através de um procedimento rudimentar mas eficaz: enfiavam primeiro as patas em um montículo de terra, escavavam, caminhavam por todo o compartimento, e então se revolviavam conscienciosamente sobre os ladrilhos da cozinha.

Quando terminamos o transplante, eles me seguiram até o novo destino das plantas e me ajudaram a plantá-las, passando o lombo pelos novos vasos. Alguns vasos, com o empurrão, ficaram um pouco tortos, mas assim certamente receberão melhor a luz do sol.

Depois, tivemos de varrer a cozinha, na qual, apesar de todos os meus esforços, se derramara um pouco de terra. Tris e Trás competiram para me ajudar, caçando alternadamente as cerdas da vassoura. Quando consegui fazer um montículo com o varrido, e antes de colocá-lo na pá, Tris se sentou com cuidado em cima dele, para protegê-lo bem e evitar que escapasse.

Então, tive de lavar o chão. Os gatos compensaram sua inabilidade (são incapazes de encher o balde de água e levá-lo da pia ao chão) ajudando-me a checar se o solo estava mesmo molhado, como deve ser quando se lava. Para isso, nada melhor do que passar as quatro patas (ou melhor, as oito patas, quatro para cada animal) em cada um dos ladrilhos.

Quando examinei a lavagem e comprovei que havia feito tudo muito bem, eles se retiraram com toda a dignidade para a sala, sem esperar que eu lhes agradecesse, deixando pelo caminho um rastro das almofadinhas úmidas,

marcando seu itinerário como Pequenos Polegares peludos.

Embora os animais sejam castrados, às vezes Tris se comporta como o macho que é. Quando sua companheira está acomodada tranquilamente em uma almofada, ele se aproxima por trás, começa a lambê-la e, depois, a apalpar suas ancas com suaves golpes da mão direita; mantendo as unhas recolhidas, chama sua atenção com delicadeza, mas cada vez com mais insistência.

Trás, preguiçosa, o observa com indolência: não está com vontade de brincar agora. Mas Tris insiste, se apoia em suas nádegas, segura-a pela nuca com seus dentinhos brancos, com suavidade, mas com firmeza. Trás, incomodada, começa a reagir, vira-se levemente, aperta o rabo contra o corpo enquanto o macho, excitado, procura uma fresta para tentar montar nela.

A coisa acaba com certa violência: Trás, já decididamente indignada, solta, primeiro, um miado desmaiado, como se desinchesse, e depois bufa e se agita, lançando contra o rosto de Tris uma garra; embora, deliberadamente, não atinja seu objetivo. A ameaça de quatro unhas abertas, semelhantes a pequenas navalhas translúcidas, o assusta; Tris acaba se afastando e lambe suavemente as virilhas, no meio das quais se entrevê uma pequena protuberância rosada. Mesmo castrado, ainda é macho. A vida tenta abrir passagem até mesmo por caminhos impossíveis.

Conhecendo a história deles, o estranho é que estejam vivos.

Na verdade, só conhecemos fragmentos de sua história. Sabemos, por exemplo, que eles não são gatos de boa origem, não nasceram em casa de família. Provêm de uma sociedade protetora de animais e são o que se chamam animais abandonados, recolhidos *in extremis* em um curral no qual se amontoavam cães, gatos, porcos e galinhas. Alguém trancou ali, amontoados, exemplares de todas essas espécies, talvez pensando que assim os ajudava. Há uma patologia pouco estudada — uma espécie de síndrome de Diógenes em viés zoológico — que leva algumas pessoas desequilibradas a recolherem todos os animais que encontram e que acham que são desvalidos, acreditando que os protegem, abrigando-os em condições lamentáveis. Os animais, incompatíveis entre si, privados de liberdade e mal alimentados, atacam uns aos outros, adoecem, morrem desnutridos ou feridos. Até que um vizinho se queixa do barulho, do cheiro ou dos uivos incessantes dos cachorros enlouquecidos pela prisão.

Na maioria das vezes, os animais resgatados vão parar em um canil e acabam sacrificados. Chegam com feridas e mal alimentados, cheios de parasitas, desequilibrados, às vezes agressivos. Ninguém quer animais assim.

Havia, no entanto, nesses dois gatos, uma inquebrantável vontade de viver. Cheios de pulgas e de carrapatos, atacados por lombrigas e ácaros, comendo a mesma porcaria dos porcos e das galinhas, conseguiram sobreviver. Talvez tenham sobrevivido exatamente porque estavam juntos: um gato e uma gata inseparáveis, que se protegiam e se defendiam mutuamente e que, provavelmente, em sua pré-história de animais não castrados, tiveram várias gerações de filhotes dos quais não sabemos nada, nem sequer se algum deles está vivo. Trás talvez tenha amamentado dezenas de gatinhos que foram morrendo, um atrás do outro, atacados pela leucemia ou devorados pelos cães e pelos

porcos.

De qualquer maneira, souberam se adaptar e sobreviver ao lado de animais bem maiores do que eles, conviveram com cães e porcos semisselvagens, ávidos por carne fresca. Daquele período restam algumas marcas em seus corpos: uma cicatriz no focinho de Trás e a ponta quebrada do rabo de Tris.

E agora, quando voltamos para casa depois de um dia de trabalho, os dois, Tris e Trás, correm para nos receber assim que ouvem o barulho da chave na fechadura; chegam com um passinho alegre e, carinhosos, passam alternadamente seus lombos (branco e preto, preto e branco) em nossas pernas; exigem carícias e desabam no chão exibindo suas barriguinhas sedosas para que as cocemos suavemente. Espanta que sejam tão dóceis, tão crédulos, que tenham tanta certeza de que não vamos machucá-los. Espanta que sejam tão tranquilos, sem receios e sem medos; que, com um passado repleto de dor e de medo, não sejam ariscos nem agressivos, mas carinhosos e confiados. Alegam-se quando nos veem, sem dúvida, mas, sobretudo, alegam-se por estarem vivos. E nós admiramos sua capacidade de sobreviver e — diga-se de passagem — sentimos orgulho por termos sido capazes de conquistar sua confiança irrestrita.

Quando era menina, vi expostos em uma vitrine do Museu de Ciências vários crânios de felinos. Estavam distribuídos escalonadamente, do mais velho ao mais novo, do maior (um espécime fossilizado de tigre com dentes de sabre) ao menor. Espantou-me constatar como era pequeno o crânio do gato e, sobretudo, como sua forma era plana, me levando a imaginar uma testa inexistente ou, ao contrário, uma testa que se prolongava em uma linha horizontal, quase reta, da narina ao occipício. Parecia impossível que naquele crânio pudesse caber o cérebro de um ser vivo.

Naquela época, a informática ainda não se disseminara, não era acessível aos usuários privados e, portanto, não estávamos habituados aos suportes miniaturizados que armazenam informação; seriam necessários muitos anos para que nosso trabalho de muitos meses ou as imagens de toda uma vida coubessem em um *pen drive*, em um setor de um disco rígido ou em um minúsculo pedaço de uma nuvem. Então, para poder funcionar, as coisas precisavam ser maiores do que hoje em dia.

Por isso, parecia-me inacreditável que o crânio de um gato, onde mal cabia a semente de uma noz, pudesse abrigar tantas coisas: ideias fixas limítrofes da mania; a ternura graciosa com a qual sua cabecinha pede nossos carinhos; as associações de ideias que nos fazem perceber que o animal é um ser vivo e não — como poderia parecer — um boneco de pelúcia ou — como tantos outros quiseram acreditar — um robô. E, sobretudo, muita sabedoria: a que lhe permite encontrar no verão o lugar mais fresco da casa e, no inverno, o mais quente; a que faz com que, mesmo quando está faminto, rejeite instintivamente um alimento estragado capaz de intoxicá-lo (é muito difícil envenenar um gato); a que lhe permite dormir doze ou quatorze horas por dia e, no entanto, manter-se plenamente em forma, com os músculos tonificados e o corpo ágil, dosando habilmente exercícios de estiramento ao longo do dia, entre uma sesta e outra. Uma sabedoria espontânea do corpo que nós, animais lerdos e rígidos, instáveis em nossos pés, só podemos aspirar a adquirir parcialmente e depois de muito

treinamento físico e mental.

Trás ronrona, acomodada em meu colo. Distraidamente, acaricio com suavidade sua cabecinha sedosa, até que meus dedos tropeçam em uma estria inesperada. Então, presto atenção e encontro em ambos os lados de seu focinho, disfarçada no meio do pelo curto de sua cara, a marca de uma ferida simétrica, uma cicatriz que dói só de olhar: uma boca grande um dia aprisionou esse pequeno focinho; não pode ter sido outro gato, mas um animal maior, talvez um cachorro.

E então imagino a dor insuportável, o fio de sangue, o animal fugindo desesperadamente e se refugiando em um lugar seguro; dias sem poder comer enquanto a ferida dói e dói e vai se fechando aos poucos; por fim, o animal, se sobrepondo à sua pequena desgraça — uma desgraça insignificante para o mundo, desconhecida de todos, imensa para ele —, consegue beber, comer um pouco; o alimento é lacerante mas necessário, e tem o sabor de um sangue que é o seu.

Aquela dor deve ter cedido lentamente, à medida que cicatrizava. E agora Trás parece ter se esquecido daquele desastre que quase lhe custou a vida e que teve de enfrentar sozinha, com a dignidade dos animais feridos que querem viver.

A princípio, quando tentávamos pegá-los, sentíamos em nossos dedos toda a tensão dos músculos de um animal que tenta fugir. Nós, animais imensos, conseguíamos agarrá-los em um momento de distração, segurá-los por baixo das axilas e envolver facilmente sua caixa torácica em nossas mãos. Mas não sem resistência: notávamos sob a pele suave pequenos músculos de aço se contraindo e se esticando, e o animal aprisionado conseguia se safar; quando insistíamos em segurá-los, surgiam, de repente, de suas patas traseiras, navalhas duras, afiadas, que se impulsionavam em nosso corpo e escapavam dando um pulo ágil. O animal, fuzadamente aprisionado, fugia e corria para se esconder em algum lugar inacessível, embaixo de uma mesa ou atrás de uma porta entreaberta.

Agora, já confiam em nossas boas intenções, embora nossa vontade de abraçá-los às vezes os incomode. Como há pouco, quando interrompi a sesta de Trás para pegá-la no colo. Uma pequena foca de pele reluzente abriu os olhos, surpresa, tentou escapar das minhas mãos aproveitando o brilho de sua pele e, como não conseguiu, fez uma expressão contraditória, que revelava, ao mesmo tempo, desconforto e confiança: as patas traseiras e dianteiras apertam, suavemente, sem garras, meu peito, em uma tentativa de fuga, mas sua cabeça peluda se apoia, tranquila, em minha mão, procurando uma carícia, enquanto o corpo começa a tremer em um ronronar profundo, como se no interior dessa foquinha de pelúcia funcionasse um motor a diesel.

Esses nervos. Esses nervos que transformam esse gato, Tris, em um feixe de nervos. Diante da prudente tranquilidade de Trás estão os sobressaltos de Tris, sempre retesado como a corda de um arco.

Tris é sempre o primeiro a correr para nos receber quando abrimos a porta de casa, ao voltarmos do trabalho. Pode estar dormindo placidamente, acomodado na melhor poltrona, mas, quando ouve a chave girar na fechadura, dá um salto, atira-se no chão sem sequer se espreguiçar, como se tivesse sido impulsionado por uma mola, e dirige-se à porta em uma corrida suicida cercada

de alaridos.

Esfrega-se em nossas pernas, passa o lombo com vigor (ao contrário de Trás), nos ataca, empurra, dá uma volta e volta a atacar com toda força. Um feixe de músculos elásticos e nervos à flor da pele.

Segue-nos pelo corredor sem parar de miar, cruza várias vezes nosso caminho. Costumamos tropeçar ou pisar nele sem querer, mas ele parece feliz, sem parar de dar os gritos de alegria de todos os dias, de todas as noites. Só para quando nos vê sentados e, então, sobe na gente com um pulo, chuta nossas pernas dando voltas sobre si mesmo, prepara com as garras uma cama em nosso colo, destruindo nosso suéter, exige carícias nos empurrando com a cabeça e com o lombo e, se não lhe damos atenção, faz uma coisa inverossímil para um gato: dirige sua mão à nossa, com as unhas cuidadosamente guardadas para não nos machucar, e, com a garra fechada, guia nossa mão à sua cabeça, para que a cecemos atrás da orelha, embaixo do queixo.

Quando obedecemos a seu imperioso pedido, recebe as carícias com entusiasmo: se contorce em cima da gente, exibindo a barriguinha coberta de seda branca, um ventre que somos obrigados a acariciar. Depois se revolve sobre si mesmo em contorções inverossímeis, lambe um pé, caça no ar seu próprio rabo, que se interpôs em seus movimentos alvorçados, volta a nos atacar com força e, com ternura, pega de novo nossa mão para indicar onde quer que o acariciemos (às vezes nos apresenta a cabeça, outras o lombo); volta a dar voltas perseguindo mais uma vez seu próprio rabo, que foge, volta a exhibir as unhas, nos toca, embora com cautela — limita-se a afofar nossa roupa, raramente roça nossa pele —, e, finalmente, esgotado e feliz, deita-se longitudinalmente, esticado, sobre uma de nossas pernas, nos olha, revira os olhos e deixa cair um braço de cada lado, como fazem os leões quando cochilam trepados no galho de uma árvore. Genes felinos: imita a postura de seus ancestrais em uma savana que Tris nunca viu, e nós, que, sim, conhecemos a savana, os leões e sua sesta dos documentários da televisão, procuramos ficar imóveis como se fôssemos acácias em um páramo. Não queremos perturbar seu descanso; depois de um tempo, percebemos que adormeceu e que a perna que o suporta também está dormente.

Os pedidos de carícia de Trás são bem menos imperiosos, mas mais queixosos: um miado lamuriento com a boca fechada, como se o animal murchasse lentamente por um pequeno orifício invisível. Um gemidinho que provoca ternura e desperta em nós o sentimento de proteção que guardamos para os seres indefesos. A pele negra, sedosa, com um brilho de azeviche, desliza suavemente no meio de nossos tornozelos, uma e outra vez. Esperaríamos que com esse miado tênue, mas prolongado, Trás diminuísse de volume: um pequeno saco de gemidos murchando. Mas não: continua tão rotundamente feminina como sempre; as nádegas redondinhas, as patinhas macias como se não tivessem garras; a cabeça também redonda com suas pequenas orelhinhas pontiagudas. Todas as formas arredondadas nos parecem desvalidas e infantis.

Até que o corpo mole e vaidoso se estica, ficando em pé. Trás chega a alcançar uma longitude inesperada, e, com suas garras dianteiras recém-reveladas, começa a trepar por nossa perna com a habilidade de um praticante

de escalada livre. A gata trepa, sobe por nosso corpo, outra vez transformado em tronco de árvore, e procura a carícia de nossa mão direita. Nós a acariciamos longamente, contemplando com estranheza suas afiadas unhas de fera comedida.

Essa higiene extrema dos gatos, que adotam posturas inverossímeis para se assear, alisando sua pele com a escova áspera de suas línguas! Às vezes, cada gato se alisa sozinho, lambendo-se minuciosamente: primeiro o peito e as patas dianteiras, as mãozinhas peludas (a limpeza das mãos costuma incluir mordidelas rítmicas nas unhas, nas almofadinhas e nos espaços elásticos que ficam entre os dedos, com a garra aberta); depois, o animal se curva sobre si mesmo, se retorce para lambar o lombo, dos costados à coluna vertebral, para então chegar às ancas. Em seguida, uma das patas traseiras é erguida, tensa, imitando um violoncelo, e o gato a esfrega com a língua rosada, agora transformada em arco de um instrumento de corda. E, por fim, dobra-se sobre si mesmo, enfiando a cabeça entre as patas, para lambar conscienciosamente a barriguinha, os órgãos genitais e o ânus, que, depois de tanto asseio, fica limpo como uma rosa.

Outras vezes, Tris e Trás se alisam mutuamente, lambendo a cabeça, o pescoço e o lombo (nunca chegam mais além; um certo pudor felino parece estabelecer um limite: que cada um asseie suas partes mais íntimas; uma coisa é o companheirismo e outra, a libertinagem).

Enterram seus dejetos com afinho, quase com furor; escavam com entusiasmo a areia da caixa, esparramando ao redor fragmentos de sepiolita — é importante que tudo fique bem coberto; tão importante que, com frequência, a área da escavação se estende à superfície do solo que rodeia a caixa, e vemos o gato arranhando conscienciosamente as lajotas do piso, como se pudesse levá-las com suas unhas para esconder suas fezes com montanhas de ladrilhos de cerâmica. Assim que limpamos sua caixa, acodem depressa para estrear a areia nova, limpa, essa areia recém-lançada que passa, assim, de não ser de ninguém a ser deles.

Quando lavamos alguma das almofadas do sofá, os gatos logo percebem: acomodam-se sobre aquela almofada (e não em outra qualquer) para fazer uma longa sesta. Com essa atitude, conquistam (ou melhor, reconquistam) um pequeno território, de apenas dois palmos quadrados, que lhes havia sido brevemente furtado. Um território que nós, orgulhosos, trouxemos cheirando a detergente e amaciante de máquina de lavar e sobre o qual depositam agora seu próprio cheiro, apossando-se dele novamente. Mas como somos incapazes de perceber esse cheiro tênue, tendemos a interpretar mal suas atitudes. Em outras palavras, os vemos agir, mas, em geral, não entendemos nada.

O frio externo faz com que a umidade da casa se condense nos vidros da janela, que, de transparentes, ficam translúcidos, embaçados pela umidade e perolados por pequenas gotas de água. Tris trepa em uma cadeira, estica o corpo como se fosse de borracha, apoia levemente as almofadinhas das patas dianteiras na moldura da janela e, esticando uma língua muito longa, lambe conscienciosamente o vidro úmido. Bebe do manancial efêmero que essa janela lhe oferece.

Ao lado da vasilha onde colocamos a ração dos gatos para que eles venham comer quando quiserem há sempre um caneco com água limpa. Todos os dias o

lavamos e voltamos a colocá-lo em seu lugar, cheio até a borda, e Tris sempre aparece logo para saborear, ele primeiro, a água fresca, antes de Trás se aproximar. Bebe longamente, com lambidas enérgicas, usando a língua como colher. Todos os dias ouvimos o chapinhar de sua língua no bebedouro recém-abastecido.

E olhando-o agora, absorto na tarefa de beber no vidro da janela, sei que em algum momento de sua vida esse animal passou muita sede, foi obrigado a aprender a procurar água onde não havia, e aprendeu — ou melhor, ensinou a si mesmo técnicas para mitigar essa longa sede que ainda não esqueceu —: por isso corre logo para a água fresca do bebedouro e por isso aproveita as gotas de umidade que escorregam como lágrimas pelo vidro da janela, como se fossem a única água disponível, a única possibilidade de sobrevivência.

Nas noites de inverno, gostamos de ouvir um pouco de música, enquanto do lado de fora da casa bem fechada sopra um vento gélido que talvez prenuncie neve.

Os gatos nos observam com indiferença enquanto procuramos na coleção de CDs uma gravação de concertos para o quarteto de cordas de Beethoven, abrimos o móvel do equipamento de som, colocamos o CD no leitor e apertamos os botões. Mas, assim que começa a tocar, a música desperta a curiosidade de Tris, que se levanta de sua confortável poltrona e se atira no tapete, em uma postura elegante, olhando de frente os dois alto-falantes; com intuição certa, escolhe o melhor lugar: seria possível traçar, entre as caixas de som e a cabeça do animal recostado, um triângulo equilátero.

Tris aparentemente descansa, mas desde o começo do concerto as orelhinhas sedosas seguem a direção do som, adotando uma postura um tanto forçada: cada orelha parece acompanhar o som de cada um dos alto-falantes, movendo-se de forma assimétrica para captar melhor cada nota. Os movimentos são sutis, mas perfeitamente perceptíveis, e, naturalmente, não têm nada de aleatórios, pois uma das orelhas parece perseguir o violoncelo, e a outra, um dos violinos, oscilando levemente à medida que um ou outro instrumento se destaca. Orelhas de gato seguindo o estéreo.

De repente, em um dos movimentos do concerto, Tris se levanta com vivacidade, sobe nas minhas pernas e começa a alisar, entusiasmado, meu colo, com movimentos frenéticos que recordam um pianista em plena interpretação de uma passagem com brio; alguma coisa, de repente, o deixou eufórico.

Depois, mais tranquilo ou menos *appassionato*^[3], abandona meu colo e vai se acomodar no braço da poltrona, esticando todo seu corpo (como é longo o corpo desse gato!). Começa a adormecer, mas até nesse estado de sonolência parece entender a música, pois durante todo o concerto as orelhas continuam se movimentando suavemente, cada uma em uma direção, acompanhando os sons que saem do aparelho. Nesse momento, parece completamente relaxado e feliz; de vez em quando, abre ligeiramente os olhos e nos olha entre as pestanas, sonolento e contente.

Nós o contemplamos com uma pontada de inveja. O ouvido de um gato é capaz de perceber sons de até 64 mil hertz, enquanto o ouvido humano só

alcança, no melhor dos casos, vinte mil. E assim, esse concerto, composto há quase dois séculos por um surdo, encontrou aqui e agora um ouvinte especialmente sensível. O fino ouvido de Tris é capaz de captar nessa música tonalidades que nós não percebemos, harmônicos que estão ali, mas nunca ouviremos.

Quando os vemos brincar assim, alegres, graciosos, cheios de vida, não podemos deixar de pensar que essa alegria, essa graça e essa beleza desaparecerão algum dia. Efêmeros como nós mesmos, esses gatos que agora brincam, que se escodem para pular de surpresa no outro, que se reviram no tapete e se perseguem, eufóricos, pelo corredor, morrerão. Não restará nada além de sua recordação; a mesma que resta de Tris-Trás, cuja presença evocamos em velhas fotografias ou quando, inesperadamente, ainda encontramos um pelinho dourado em uma peça de roupa que ficou guardada por muito tempo, ou, simplesmente, quando, de surpresa, nos assalta a recordação de que existiu, de que foi uma parte — e não pequena: menor em tamanho do que em importância — de nossas vidas.

Qual é o sentido dessas pequenas vidas? Talvez, como as notas, o mero fato de existir e de se sentirem vivos e ágeis, sentirem uma plenitude que talvez nós nunca cheguemos a alcançar, sempre ocupados com nossos pensamentos, em nos projetar a um futuro que talvez nunca venha a chegar, em imaginar, desejar ou temer coisas que provavelmente jamais acontecerão. Alheios ao presente, voltados para um futuro incerto, é muito difícil para nós entregarmo-nos e viver os momentos que vivemos, que passam sem que os sintamos, que deixamos escapar como areia entre os dedos, como água em um cesto, enquanto olhamos para um horizonte que dificilmente alcançaremos. A vida é o que acontece enquanto você está muito ocupado fazendo planos.

Eles, por sua vez, se entregam à felicidade de seus corpos elásticos, de sua beleza sem arrogância — a beleza de quem não tem consciência de que é belo —, da alegria de estar vivos, simplesmente, sem pensar no futuro nem amargar-se com o passado: aqui estamos agora, entregues com fruição ao fato de viver, gozando do raio de sol que entra pela janela e forma sobre o piso um retângulo cálido no qual podemos nos acomodar, fechar os olhos e começar a ronronar.

Mas nós pensamos — não conseguimos não pensar — no modo e no momento de sua morte, de suas respectivas mortes. Não é provável que os dois nos deixem ao mesmo tempo, que saiam ao mesmo tempo de nossas vidas. Esperamos e tememos, naturalmente, a morte escalonada. Qual será a primeira pequena vida a se apagar? E, quando isso acontecer, o que fará o outro, o gato sobrevivente, privado repentinamente da presença de seu companheiro inseparável? Talvez aquele que ficar vivo passe vários dias procurando inutilmente o outro, esperando que ele apareça como quem volta da caça ou de uma longa corrida noturna. Nos primeiros dias, se encolherá para dormir em seu lugar preferido e, no lugar onde antes havia dois gatos, só haverá um. Talvez nós multipliquemos nossas carícias, tentando ser o que não somos: outro gato, outro companheiro de brincadeiras que substitui o de sempre.

Ou talvez não, talvez o que sobreviver se deite, indolente, para descansar no

território até então compartilhado, vá até a vasilha de ração sem perceber que agora está mais cheia, que a comida dura mais, que a água não acaba tão depressa. Acabará se acostumando a ficar sozinho, inventará brincadeiras com as coisas pequenas, sem perceber que certa vez esses jogos foram compartilhados com outro ser do mesmo tamanho que o seu, capaz de alcançar com um salto as mesmas alturas e de transformar em guaridas os mesmos cantos, esses lugares nos quais nós, gatos imensos, não cabemos. Talvez a vida se imponha à morte com suavidade, prolongando-se em uma rotina renovada, mas sem mudanças. O que nós sabemos dos laços que unem esses gatos que agora mesmo se lambem mutuamente com longas lambidas rosadas?

Somos nós, mais uma vez, aqueles que, doentes de Razão, produzimos, sem cessar, ideias lúgubres. Eles morrerão, um antes e outro depois. Ou, por acaso, nós os precederemos, ou entre uma pequena morte e a seguinte acontecerá a nossa? E agora, embaralhando essa possibilidade com outras, acrescentamos uma pequena angústia: quem cuidará deles se nós faltarmos? Como se eles fossem bebês incapazes de se valer. Esquecendo, mais uma vez, que não são crianças, mas adultos de outra espécie, insistimos em imaginá-los mais dependentes de nós do que talvez sejam.

Mas eles são inacessíveis à angústia. Seu medo dura só um instante: o instante em que acontece. O nosso se prolonga no tempo, arrasta-se em recordações e projeta-se em um futuro desconhecido e imprevisível. Enquanto isso, acomodados em sua poltrona favorita, os gatos se acariciam mutuamente com longas lambidas rosadas.

Paloma Díaz-Mas (Madri, 1954) é professora do Conselho Superior de Pesquisas Científicas da Espanha e, durante dezoito anos, ensinou Literatura na Universidade do País Basco. Com apenas dezenove anos, lançou seu primeiro livro de contos, “Biografias de gênios, traidores, sábios e suicidas, segundo antigos documentos”. Após ter se estabelecido como ensaísta, com obras sobre literatura oral, literatura medieval e cultura sefardita, estreou no romance com “O Rapto do Santo Graal”, finalista do prestigiado Prêmio Herralde, em 1983. A autora conquistaria esta honraria em 1992, com o romance “O Sonho de Veneza”. Ganhadora de diversos prêmios, também escreveu peças teatrais e relatos autobiográficos.

1. Vison e marta são animais da família dos mustelídeos e cuja pele é usada para confecção de casacos de pele. (N. da E.)

2. Uma posição de ioga de saudação ao sol (N. da E.).

1. Na psiquiatria: transtorno de personalidade limítrofe (N. da E.).

2. A autora explica que *pimporrante* é “uma palavra usada principalmente no País Basco para designar alguma coisa que molesta de forma insistente” e *puericantor* é uma junção das palavras em latim *pueri* (crianças) e *cantor* (que canta), ou seja, crianças que cantam. Aqui, diz ela, “se compara o miado insistente dos gatos ao canto de um coro infantil”. (N. do T.).

3. Expressão italiana para “passional” (N. da E.).

Os seres humanos – pensa o gato – têm uma irremediável tendência a entender as coisas ao contrário. Por exemplo: ao ver um livro intitulado *O que aprendemos com os gatos*, os humanos provavelmente acharão que ele trata do que os humanos podem aprender sobre os gatos para conhecê-los melhor (coisa que, diga-se de passagem, tampouco seria excessiva); no entanto, para qualquer pessoa que seja capaz de pensar com clareza, é evidente que *O que aprendemos com os gatos* significa outra coisa: o que os humanos podem aprender a partir dos gatos, ou seja, o que os gatos podem ensinar-lhes. Este tipo de equívoco acontece porque os humanos partem da absurda crença de que são animais superiores, quando todo mundo sabe que os animais superiores são os gatos.

Os gatos – pensa a autora deste livro – têm muito a nos ensinar, mas para isso é necessário que estejamos atentos e dispostos a aprender. São carinhosos, mas jamais submissos, e por isso nos ensinam a pactuar nossa convivência a cada dia; são crédulos, mas só quando sabemos conquistá-los aos poucos, exercitando a virtude da paciência; são domésticos e independentes, como feras aclimatadas ao nosso habitat. Achamos que são indefesos, mas, na realidade, são muito mais preparados para sobreviver do que a gente. Sob sua pele sedosa se ocultam garras de fera e um corpo atlético invejável. E, quando os vemos brincar, exibindo sua magnífica forma física, ou dormindo placidamente em nossa poltrona favorita (sim, essa poltrona onde os gatos nunca nos deixam sentar) invejamos também sua capacidade de viver intensamente esse instante; sem se atormentar, como nós fazemos, com um passado que não existe mais e um futuro que talvez não chegue.

Um livro que é uma joia para qualquer bom leitor, e, obviamente, indispensável para todos os amantes de gatos.



[Planet](#)



[planetadeli](#)



[PlanetadeL](#)



[planetadeli](#)

